

Sumário

Reclusão de fim de ano - 31/12/2015	3
Da noção de utilidade humana* - 27/12/2015	4
Platão à guisa de introdução - 26/12/2015	5
D&G* - 18/12/2015.....	7
Sarah e o devir besouro* - 11/12/2015.....	8
Nossos valores - 21/11/2015	9
Considerações sobre esse blog - 17/11/2015.....	10
Depurando o sujeito - 26/10/2015	11
Hume e a teoria das probabilidades - 19/10/2015.....	12
Dri - 15/10/2015.....	12
AIE Escola* - 12/10/2015.....	13
Limpeza de terreno - 09/10/2015.....	16
Política sem sujeito - 08/10/2015	17
A fenomenologia e a guinada transcendental* - 04/10/2015.....	18
Hume anti cartesiano* - 04/10/2015	21
Como reconhecer o estruturalismo* - 13/09/2015.....	22
Bando de loucos - 13/09/2015.....	25
Desconstruindo o sujeito* - 09/09/2015	26
Camadas de artificialidade - 29/08/2015.....	27
Ceticismo alegre e modesto* - 26/08/2015.....	28
Empirismo lógico* - 17/08/2015	30
O princípio de nossas ações - 12/08/2015.....	32
Fala que eu te escuto - 01/08/2015	33
Lixo - 29/07/2015	35
Crença cética* - 22/07/2015	35
Como economizar energia mental* - 18/07/2015	37
Dois condicionantes para uma pseudo análise social - 14/07/2015.....	40
A necessidade da filosofia - 10/07/2015	41
A Morte - 27/06/2015.....	43
A Filosofia como objeto - 19/06/2015	43

Aula conceito: Metafísica.* - 18/06/2015	44
Dificuldades - 23/05/2015.....	48
Ciência do pensamento - 22/05/2015.....	49
Breve comentário sobre a religião - 19/05/2015.....	50
Objeto da fenomenologia: a consciência intencional do sujeito constituída de vivências* - 17/05/2015	51
Do buraco a filosofia saiu e no buraco ela ficou - 09/05/2015	52
Distanciamento e intimidade com o mundo* - 06/05/2015.....	53
Aula de Didática* - 01/05/2015.....	54
Investigação fenomenológica: as condições subjetivas do conhecimento em circunstâncias ideais* - 26/04/2015	56
Movimento Fenomenológico* - 24/04/2015.....	57
Bicho Homem - 18/04/2015	58
Resenha das Orientações Curriculares para o Ensino Médio, ano 2006. - 15/04/2015.....	60
Infinito - 11/04/2015.....	62
Intuição e dedução - 07/04/2015	63
Contra EAD. Uma análise no uso das tecnologias na relação sujeito-objeto, ou, professor-aluno.* - 05/04/2015.....	64
Pessoas perfeitas - 04/04/2015.....	66
Mestre Provisório* - 29/03/2015	67
“O mestre ignorante” – Jacques Rancière: A negação do saber do professor que emancipa o aluno. - 17/03/2015.....	69
Ideologia e Educação - 12/03/2015	71
O direito de não ter e não fazer - 28/02/2015.....	72
Intuição e Sensação - 22/02/2015.....	73
O sistema e eu - 24/01/2015.....	75
Je suis Charlie? - 10/01/2015	76
Colocando água no capital cultural* - 06/01/2015	76

Reclusão de fim de ano - 31/12/2015

São 17h30 do dia 31 de dezembro de 2015. Abandonei por 20 minutos o cativeiro (muito aconchegante por sinal) ao qual estou recluso nesses três dias em virtude de dores abdominais e sintomas provenientes. Ao fazê-lo, percebi que alguém se vai: 2015. As casas de comércio, muitas delas, já estavam com as portas fechadas, o movimento de automóveis estava bem retráido e poucos transeuntes se aventuravam por aí (alguns já de branco). Do que me indaguei: é possível falar em fim de ano?

Um ano é uma convenção unilateral e temporal, decreto lei que dita os ciclos de estudo, trabalho, a nossa idade individual e coletiva; regulamento que determina um ritual de virada, de sai-ano-entra-ano (sorte que não fiquei muito tempo na rua, porque agora cai uma tremenda chuva). Pois bem, dada essa demarcação temporal do ano, se ganha a reboque sua demarcação final, o que acontecerá daqui aproximadamente 7 horas. Então, convencionalmente, fala-se de fim de ano, escreve-se sobre ele.

Fisicamente percebemos o passar do tempo, sentimos que envelhecemos, percebemos que nossa moda passa e constatamos que os mais novos estão crescendo. Mas, precisamos do ciclo? Precisamos de um calendário novo? É assim que vivemos: repetindo. Toda projeção futura será revista em um ano, nossas ações têm data de validade. Mais um dia 31 de dezembro está por terminar e esperamos, ansiosamente, agora a pouco tempo, por um suspiro fatalista que encerre esse ciclo e abra um outro. E o novo ciclo chegando já será velho porque já temos as datas previstas para os eventos, já calculamos os gastos das contas que temos, enfim, já nos planejamos.

Chatinho isso, né? Nietzsche trouxe à pauta o eterno retorno, que não ficou eternamente esquecido: há uma quantidade limite de energia que, quando é atingida, tudo recomeça. Sabe-se lá em qual rodada de recomeço estamos. Eu aqui escrevendo, você aí lendo, esses fatos já aconteceram e acontecerão novamente e queremos isso: tudo igual, exatamente igual (sem entrar no mérito da igualdade separada pelo tempo, se é possível ou não). Tempo eterno, situações repetitivas, repetidas, ó ciclo! O eterno retorno esconde uma ética: viver o mesmo exatamente do mesmo modo, nem mais, nem menos. Queremos viver o mesmo porque gostamos de como somos, do que somos, vamos nos querer sempre assim.

Percebo que a chuva já passou e volto ao meu "passeio teste" de fim de ano de

minutos atrás (teste bem sucedido: sinto que vou me despedir do amado e eterno 2015 na rua...). No passeio, eu vi aquelas coisas e senti algo: 2015 me tocou, me disse que ia embora. Eu fiquei atônito, não sabia se pedia para ele ficar mais um pouco, ou que fosse logo! Não sabia se ria ou se chorava, não sabia se olhava para o céu, para as pessoas ou para o nada. Eu senti 2015, física e psiquicamente, eu percebi que uma convenção humana - um ano - pode se tornar um fato e o quão perverso, poderoso e perigoso isso pode ser. É possível falar em fim de ano? Eu estava inebriado, queria viver aquele momento como se fosse o único, mas sabendo que ele retornará daqui a um ano. Queria que durasse mais porque eu tinha muito a refletir e a dizer sobre o fim de ano, mas compreendi que o tempo segue e nós seguimos com ele e que esse fim de ano é só uma noite a mais, só umas horas a mais. Sei também que muitos trabalharão e não presenciarão esse momento da maneira que gostariam. Enfim, sei que esse momento é como outro qualquer (ou não é?). Pensando bem, vou sair da reclusão e pensar em uma boa resolução de fim de ano...

Da noção de utilidade humana* - 27/12/2015

Uma investigação é um método filosófico e científico primordial para abordagem de um determinado assunto. Mas uma investigação sempre é feita por um humano. No capítulo 1 da Ética, Espinosa trata de Deus como causa necessária de todas as coisas. Na verdade, para Espinosa só há Deus, tudo emana dele, tudo está nele, necessariamente. Deus não pensa, Deus é, infinitamente. Não há contingência, só há o que não conhecemos (certas coisas são impossíveis para nós). Mas, como conceituamos as coisas oriundas de Deus?

O homem vê a natureza, o homem sente, vive. Para o homem há uma concepção e uma noção fundamental: a de utilidade. Tudo tem um fim, uma finalidade. E uma finalidade humana. Então, temos uma certa maneira de ver as coisas, proveniente de nossa imaginação. A natureza está aí para nos propiciar algo ou para nos trazer um problema, uma dificuldade. Classificamos as coisas entre boas ou ruins, belas ou feias, fáceis ou difíceis – essa classificação é a nossa noção de utilidade humana. O valor das coisas decorre do que colocamos nas coisas a partir de nossa noção de utilidade, pela nossa imaginação. Colocamos um próprio valor nas coisas e isso tudo é criação nossa.

Essa forma de “ver” o mundo se fundamenta na utilidade. Mas a utilidade é uma

função que aparece em cada coisa, em cada fenômeno, seja natural ou artificial. Somos orientados por uma finalidade, vivemos e fazemos isso ou aquilo, adquirimos tal coisa, produzimos, destruímos, tudo baseado na noção de utilidade. Essa noção de utilidade caminha no sentido inverso, da finalidade para a coisa, do efeito para a causa. A água existe para tal coisa, a água não é simplesmente algo, independente de qualquer utilidade. O fato de nos orientarmos por essa noção de finalidade nos impõe tentativas de explicação que nunca serão convincentes. Mas somos assim e, sabendo disso, deveríamos nos precaver dessa característica nossa e obstruir qualquer tentativa de explicação. As coisas, então, seriam de Deus e não se modelariam há uma característica humana de finalidade. As coisas de Deus estão aí antes de nós, mas como sempre achamos que tudo gira em torno do nosso umbigo. A noção de utilidade inverte a ordem temporal e causal da realidade, do mundo, de nós. Deveríamos, então, ir em busca de outro princípio, outro fundamento, que não esse da utilidade, da finalidade, e tentar fundamentar nossa existência de outro ponto de vista, trazendo outras consequências.

* Lemos muito rapidamente o primeiro capítulo da Ética de Espinosa (3a edição, tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013): suas definições, axiomas, proposições, demonstrações, corolários, escólios e o apêndice. Colocaremos bem brevemente nossa primeira impressão, considerando: 1) leituras rápidas e superficiais podem gerar análises superficiais e distorcidas; 2) superficial não é supérfluo; 3) nossa capacidade de concentração atual decaiu bastante - há muito barulho no mundo, há muitos objetos atraentes; 4) uma primeira impressão é sempre um recado puro, sem ruídos, não importando muito o resultado final; 5) sempre poderão ser realizadas novas leituras, uma resenha aqui, um comentador acolá e se chega a uma aproximação com a opinião geral, relativa à primeira impressão.

Platão à guisa de introdução - 26/12/2015

Teoria do Conhecimento. A pergunta socrática "O que é?" produz um preenchimento metafísico, a Teoria das Formas. O que é a coragem? Não conseguimos definir "a coragem", apenas coisas corajosas. O que é o belo? Vejo um quadro belo, um dia belo, mas o que é o belo em si? A coragem em si, o belo em si, é a forma, a ideia das quais as coisas sensíveis e individuais (homem

corajoso, pássaro belo) participam. Ou seja, cada qualidade que temos ou vemos se origina a partir de uma forma (abstrata). Assim, Platão define o conhecimento como aquele de formas abstratas e válidas universalmente. Não importa o mundo sensível (esse que vemos), o que tem mais realidade são as formas: Beleza, Coragem, Alegria, enfim: Bem. E como acessar esse mundo das formas? Pela razão, não pelas emoções, sentimentos, etc.

Escatologia. O Bem é o sol, a forma que tudo ilumina. O que buscamos, qual ideal teológico? Para Platão, a alma existe antes do corpo e só ela tem acesso às formas. Uma vez a alma "encarnada", ela está poluída por uma capa chamada corpo... Nossa busca na vida é para voltar à pureza da alma, nos livrando de regalias e prazeres carnais. Devemos buscar uma vida frugal e quanto mais conscientiosa, mais perto de Deus estaremos.

Antropologia. Nossa alma é composta por três partes, uma parte apetitiva (ligada aos desejos), uma parte volitiva (ligada aos afetos e paixões) e uma parte racional, que deveria ser a responsável por nos conduzir e nos orientar. Cada parte da alma tripartite está associada a uma virtude, respectivamente, agradável, justa e sapiente, do que devemos nos guiar pela justiça e conhecimento, expressando as virtudes da alma, em detrimento do vícios. Pelo mito da constituição das raças, cada homem apresenta uma parte da alma mais intensa e a partir dessa característica, ele deveria ocupar determinado lugar na vida social. Homens com alma de bronze (parte apetitiva acentuada) seriam os agricultores porque apresentariam a temperança; homens com alma de prata (volitiva) com senso de justiça e coragem seriam os guerreiros, guardiões; os com alma de ouro (racional) seriam os governantes, os filósofos que teriam acesso ao conhecimento verdadeiro. O ideal do bem viver é viver em acordo com a sua natureza e ocupar o lugar que lhe é devido na sociedade.

Política. Qual seria o tipo de governo proposto por Platão? Uma aristocracia dos intelectuais - os filósofos que conhecem a verdade e podem conduzir as demais classes sociais. O político é o homem racional e justo, justiça sensata baseada no conhecimento em oposição à justiça pela força. Mas, vale a verdade do filósofo que conhece, os demais não teriam capacidade argumentativa para o debate: conhecimento para o filósofo, opinião para os demais.

Educação. É com base nessa política, é para formar para esse modelo de sociedade que deve ser pensada a educação. Pelas disposições de cada criança se saberia sua natureza e educação adequada. Os com alma de ouro teriam mais investimento educacional. Se há uma natureza humana ela deve ser mantida e aperfeiçoada pela educação. É uma educação de moldes, parte-se de modelos a serem seguidos, forma-se para a criação de quadros. Modela-se corpo e alma. Purifica-se a alma para atingir o conhecimento, para acessar o mundo das formas, das ideias, o mundo real platônico.

D&G* - 18/12/2015

Dois aspectos muito importantes do projeto de Deleuze e Guattari nos foram a pouco revelados: a linguagem e a filosofia da história.

A linguagem do Anti-Édipo é a linguagem dos autos psicanalíticos, da literatura e do próprio inconsciente que flui pela boca do patológico. Há um estilo por trás da obra, estilo de difícil acesso em um momento complexo. Para se entender o obscuro tem que se inserir nele porque uma vezclareado o obscuro, ele perde sua natureza. É do relato, do conteúdo e da forma que se cristaliza o objeto e a mensagem é dada.

A filosofia da história é a filosofia da história universal da contingência. Não é uma história do desenvolvimento, uma história etapista. Não é uma não história ou ahistória. É uma história que não se enxerga sobre o tempo predominante, mas onde todos os tempos se sobrepõem e coexistem. Há outra história, mas é uma mesma história sempre e que tem o peso de uma história que aconteceu.

Precisamos pensar no agenciamento da linguagem com o devir, isso de fato precisa ser elucidado. Precisamos pensar na história das contingências como um ensinamento, como a história. O projeto de Deleuze e Guattari é amplo, extenso em sua intensidade e complexo, senão que irrestrito. Fomos seduzidos ou passaremos para o próximo?

* despedida da filó em 2015 bem econômica. base da argumentação fornecida por Vladimir

Safatle a respeito de Capitalismo e Esquizofrenia.

Sarah e o devir besouro* - 11/12/2015

O que queremos realmente nesse mundo? Não há vivente que não tenha em si tal pergunta espalhada em sua vida, em sua constituição. Esta pergunta está inscrita em nosso crescimento (biológico) e em nossa sobrevivência. Mantemos a vida ou melhoramos a vida? É uma pergunta que pode nos ajudar a clarificar os propósitos. Se buscarmos melhorar a vida, isso pode significar que nos abrimos a possibilidades (e aqui podemos ver um sentido positivo em uma retórica de competição). Se mantivermos a vida, vivemos e isso é o suficiente. Viver não é um fardo, há uma potência dentro de nós. Viver é potencializar.

Mas porque a distinção manter ou melhorar? Falamos de abertura e colocamos nessa conta um mundo que chama para a ação. Mas queremos pensar de forma diferente. Não podemos mais pensar em uma interlocução com o mundo, porque o mundo é conceitual, vago e amorfo. E também não podemos mais pensar a nossa vida como a vida de um ser autônomo, orgânico e uno. Não somos um, somos choques, contatos, cruzamentos. Não sentimos de uma única forma. Não sentimos via instruções que vêm e voltam de uma cabine de comando. Manter é somente atualizar estados que perduram. Há uma economia aí. Manter é cuidar para que certos limites não sejam ultrapassados. Melhorar é estar no limite e tencioná-lo.

Muitas vezes nos enganamos, mas Sarah não se enganou. Sarah sabia. Sarah queria. Mas Sarah era relegada, Sarah estava se relegando. Mas Sarah sabia de algo que ninguém sabia. Todos nós sabemos de algo que ninguém sabe. Pobre Sarah: manter ou melhorar? Manter é bom, a gente segue com nossos planos e projetos. Sarah sabia, mas se mantinha. Sarah aceitava. Mas Sarah resolveu melhorar e se uniu. Sarah se uniu ao que não era seu. Sarah só, só Sarah não poderia, mas Sarah e seu devir e um devir que não era seu, poderia. Sarah e o devir besouro mostraram o que realmente queremos nesse mundo. Sarah multiplicou-se no limite, lá e cá, Sarah foi e ficou, Sarah é. É melhor com seu devir besouro.

* parodiando <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/especiais-diversos-besourinha>> com base na aula de Safatle sobre Mil Platôs, de agorinha pouco.

Nossos valores - 21/11/2015

Semana passada o Estado Islâmico andou barbarizando na França. Mataram gente em casa de shows e restaurantes finos. Na TV Globo, a manchete foi que nossos valores foram atingidos. O presidente francês também falou de valores (liberdade, igualdade e fraternidade) e tantos outros. Mas, quais são nossos valores?

O que eles estavam querendo dizer é que há uma ideia de que o ocidente compartilha valores e que eles deveriam ser defendidos e cultivados. Haveria esse caldo de cultura que abrange principalmente Américas e Europa. Haveria a ideia de que devemos nos confraternizar, festejar a vida, sorrir. Deveríamos ser felizes e usar nosso tempo em atividades culturais que nos educam, em uma boa gastronomia, em atividades prazerosas de lazer. E, que mal há nisso? Nada de mais em aproveitar um pouco. Mas quantos aproveitam? Quantos podem aproveitar? Há sempre alguém nos servindo. Esse caldo de cultura se mantém as expensas de outrem. E assim é a cadeia alimentícia, manda quem pode, obedece quem tem juízo. E quem desfruta?

Aparentemente, todos podem desfrutar guardadas suas proporções, guardadas as diferentes realidades e condições financeiras, principalmente. Talvez possamos desfrutar com menos dinheiro, talvez a qualidade não esteja necessariamente atrelada ao luxo, bonança, fartura, enfim. O ser humano enquanto tal deseja confraternizar ou, senão, aprende isso. Devemos gozar. Valores a parte, então, deveríamos valorizar os nossos e tolerar os dos outros, pelo menos. E prezar para que todos tenham.

Mas, não é o que se verifica. Há um liberalismo muito arraigado contemporaneamente. Eu trabalho, eu ralo, eu ganho o meu e devo defender o meu. É sagrado para mim e pauto a minha vida por isso. O social vale enquanto bem sintonizado com meus valores. Felicidades aos meus, e proteção. Quero os meus felizes e sorrindo, quero minha segurança e andar em paz. Valores... Valores. Nossos valores são individuais, nossos valores valem para os nossos. Por trás do sorriso gostoso há uma guerra sendo travada para assegurar que o sorriso gostoso esteja garantido. Essa guerra é tácita e silenciosa, essa guerra é pelos nossos valores, doa a quem doer.

Considerações sobre esse blog - 17/11/2015

Estamos adentrando o ano III do blog, mas não é por isso que ele é o assunto dessa reflexão. É importante revisitar, revisitá-lo não é retroceder, mas rever, talvez retomar um sentido. Recordar é viver. Esse blog começou lá nos idos de 2013 como forma de organizar os escritos digitalmente. Sempre há um papel aqui e acolá, sempre há um papel perdido. No digital, teoricamente, nada se perde... Assim, o pensamento disposto segue sua lógica [ou a falta dela], o pensamento flui e exprime o que se vê, o que se sente, o que pede passagem.

"Reflexões do Filósofo (de rua)" não são reflexões filosóficas, embora possam porventura ser porque se tratam de reflexões de um projeto de filósofo (ainda estudante, embora o diploma ou não nada signifique quanto a ser ou não filósofo). "De rua" é só por uma não pretensão acadêmica. "De rua" é para estar livre de regras e normas (embora sempre procurando citar as fontes, a não ser em um uso inconsciente ou ignorante). "De rua", então, é porque não há um compromisso com o fazer acadêmico formal e nem mesmo com seu conteúdo. A filosofia acadêmica é uma ciência e, como tal, exige. Há a necessidade de uma base, um repertório, o domínio dos procedimentos, das correntes, da história, etc. Não é esse o caso aqui...

De fato, sempre interessou a esse blogueiro textualizar. Começou com as redações de escola, passou por poesias até chegar a reflexões. Sempre textos curtos porque a preguiça é amiga da pena, nesse caso. A redação era sempre uma dissertação ou narração sobre um tema dado \- normalmente algo real ou que revertesse à realidade. Mas a redação visa àquela estrutura início, meio e fim. A poesia extrapolou para o outro lado, sempre tendo um mote e uma rima, ou uma forma. Até que apareceram as reflexões. Elas eram amuletos, eram reclamações, punições, confissões, mas, mais do que tudo, eram emanações sentimentais. Do que se passa a esse blog feito de reflexões que de certa forma remetem a algum conceito, uma dedução qualquer ou mesmo a tentativa de vasculhar os aspectos técnicos da filosofia, de forma livre. Há resenhas, sim, às vezes fala-se do mundo, reclama-se e há espaço para a retórica, enfim. Mas, porque escrever?

Uma pergunta é uma das coisas mais incompletas desse mundo porque nunca há uma resposta única e certa. Por que escrever? Talvez não haja um por que. Tem que ter? Vê-se que a resposta se transformou em pergunta... Estamos nesse mundo de passagem, sem bem saber o porquê e procurando ou não um sentido. Explicação

nunca se terá todas. Enquanto eu estiver aqui vivo sempre faltarão respostas. É acreditar em algo, ter uma fé, buscar algo, simplesmente viver. Arrumar problemas e problemas para não pensarmos nas explicações. Dar contribuições para a sociedade ou não. Mendigar, viver na rua - burlar a lei, torcer a lei, negar a lei. Tem tanta coisa para fazer, não??? Tem escrever. Não sei se tem utilidade ou se deve ser útil, mas sabemos pouco. Não há um sentido declarado, é necessário viver, de alguma forma, da forma que for possível.

Depurando o sujeito - 26/10/2015

Depurar o sujeito... Para que depurar o sujeito? Para encontrar seus segredos e suas verdades? Mas, haveria esse tipo de coisa "dentro" do sujeito? É muito difícil haver uma verdade em alguém porque, expressamente, uma verdade é algo imutável. O que seria esse imutável da verdade de cada um? Onde ele se localizaria? No coração, no cérebro, na mente, na alma, em cada célula, espalhado? Ou a verdade seria o todo do todo de cada um e, aí, o todo seria imutável, o que não se verifica na prática. Mais do que isso, uma verdade de um sujeito seria algo líquido e certo e, nesse sentido, não fica claro porque revelar tal verdade. Cada verdade revelada e manifestada por um sujeito se chocaria com a verdade de outro sujeito e nada resultaria desse choque, a não ser um dispêndio de energia inútil e inaproveitável.

Depurar o sujeito... Por que depurar o sujeito? Para retirar algo dele? Depurando-o não aniquilaríamos suas vontades? A vontade de um sujeito deve ser conservada porque um sujeito com vontade faz. Um sujeito sem vontade é um sujeito depurado. O que fazer com um sujeito depurado? O que fazer com o que foi depurado de um sujeito?

Em algum momento, porém, sujeitos precisam ser depurados. E só o são por outros sujeitos. Sãos. Sujeitos são depurados por sujeitos sãos. Sujeitos sãos depuram, mas também podem ser depurados. Acaba havendo, assim, uma cadeia de depuração dos mais sãos aos menos sãos e procurando um sentido...

Não é fácil achar o ponto onde começa a depuração de um e termina a do outro e também não é fácil chegar ao sentido. Tudo isso não passa de pura ficção, fantasia. O sentido não é achar um sentido, o sentido é procurar um sentido. Depurar não é achar um sentido, é procurar um sentido. Ser depurado é um talvez, sem verdade, com vontade, procurando.

Hume e a teoria das probabilidades - 19/10/2015

Seria possível que a teoria do conhecimento e a teoria da moral humana em Hume se orientassem somente por uma teoria das probabilidades? De fato, para que fosse possível fundamentar assim seu pensamento, seria necessário implodir a distinção necessidade / contingência* do determinismo causal. A necessidade não seria uma série causal distinta das séries contingentes porque ela estaria debaixo da probabilística. Pensar na necessidade como categoria separada significa pensar no dever ser, significa acreditar que há um *modus operandi* ideal da sequência de acontecimentos, sejam eles naturais ou humanos, físicos ou mentais. Não existe, então, a necessidade como certeza e o resto; existe, sempre, possibilidades.

Isso, por um lado, dá um caráter provisório e suspenso a toda e qualquer existência, ao mundo e a toda e qualquer verdade. Mas, de maneira alguma, isso nos limita; há sempre um algo a se buscar dentro da esfera do possível. O possível é o conjunto do que vai acontecer e, para que algo aconteça, diversos fatores se sobrepõem e diversas condições a serem satisfeitas resultam em determinados eventos que a experiência mostra. Seja o sol nascer amanhã: um movimento de um corpo celeste, seja eu conseguir urinar: um movimento biológico meu. Há variáveis para que ambos os movimentos ocorram. Conhecemos todas? Hoje não. Conhecê-lo-emas? Não acreditamos. Porque nossa natureza somente permite determinados conhecimentos e o levantamento de algumas variáveis para que façamos com elas um diagnóstico presente e uma teoria das probabilidades do que poderá ocorrer e, assim, possamos nos mover no mundo.

\-----

* A *boutade* de Charing-Cross, Gérard Lebrun

Dri - 15/10/2015

Gostaria de definir Dri, mas isso é tarefa inviável e inexequível. Sei algo de Dri, mas não sei se o que sei de Dri é de fato Dri, se é o que Dri diz de si mesmo ou o que dizem de Dri. Porque Dri é um e é muitos. Dri é o que vejo

agora, Dri é o que me afeta nesse momento. Mas crio esse Dri da maneira que mais me apetece. Cada um cria "o" Dri da melhor maneira que lhe apetece.

Eu podia pedir que Dri se definisse, mas de nada adiantaria porque a definição de Dri de agora não seria a definição de Dri de daqui a pouco. Porque eu mudo, Dri muda e todos nós mudamos, continuamente. Porém, Dri mudar, não significa que não haja um caráter nele, de fato Dri é muito ético e corajoso. Dri mudar significa que ele não é idêntico. É como o rio de Heráclito: no mesmo rio nos banhamos e não nos banhamos. O rio que vejo aqui e agora não é o mesmo rio que verei em breve, a água que me molha agora será outra água depois, embora o rio, em seu todo, seja um só. Assim como Dri, cada gesto, cada palavra, cada música e cada expressão de Dri são diferentes e se espalham no ar, mas cada manifestação de Dri compõe um Dri-total.

Então, desisto de definir Dri... Simplesmente drilipeio Dri. Drilipar é, ao mesmo tempo, um ato de Dri e uma remissão a Dri. Sempre que houver um Dri, quer passivamente em meu pensamento, quer em uma frase ou em algum canto no mundo, aí estará constituída uma drilipação. Mas também, sempre que Dri fizer algo, seja dormir, comer ou defecar, aí também haverá um drilipamento, mas em sentido ativo. Dri se une em cada drilipação de qualquer tipo. Cada suspiro do Dri compõe a Dri-vida total. E muitas coisas emanam de Dri. Seja Dri-mãe, Dri-vó, Dri-tia, até Dri-etc. Seja o tempo decorrido antes e depois de Dri. Sei que qualquer fala de Dri fica no mundo e falarão de Dri para sempre. O mundo era um com Dri, mas é outro agora. É um mundo drilipado, drilipento. E Dri está aí para drilipar o quanto for possível e nós, drilipados e drilipando com ele, também estaremos aqui, enquanto possível.

AIE Escola* - 12/10/2015

Sobre a reprodução das condições de produção. Ensinamento básico sobre o capitalismo: ao mesmo tempo em que produz tem que reproduzir as condições de produção (renovar). Para o capitalista, não basta somente produzir hoje, as mesmas condições devem ser reproduzidas amanhã, para que seja possível produzir novamente. É difícil pensar sobre isso, abstrair que seja, porque as evidências da produção estão embutidas em nossa consciência. Mas é certo que a formação social deve reproduzir as forças produtivas e as relações de produção existentes.

Reprodução dos meios de produção. Não há produção possível sem que haja a reprodução das condições materiais de produção. Todo ano cada empresa deve prever o que é usado ou o que se gasta em sua produção. A reprodução ocorre não somente dentro da empresa, mas mesmo em nível nacional ou mundial, para que a procura possa ser satisfeita pela oferta.

Reprodução da força de trabalho. A reprodução das forças produtivas acontece essencialmente fora das empresas. O salário que figura na empresa só como capital “mão de obra” é a condição na qual o proletário se reproduz. Esse valor vem de um mínimo historicamente consolidado a partir da luta de classes. Mas a força de trabalho deve ser qualificada e reproduzida como tal e é assegurada pelo sistema escolar capitalista que ensina saberes práticos, além das outras instituições que também reproduzem o capital. A escola também ensina regras de conduta e a preservar ordem estabelecida. Escola, igreja, exército: essas instituições ensinam saberes práticos, mas também como se submeter à ideologia dominante, seja para mandar ou obedecer. Reproduzir a força de trabalho é reproduzir qualificação e sujeição.

Infraestrutura e superestrutura (linguagem da tópica). Metáfora do edifício: na base econômica ou infraestrutura estão as forças produtivas e as relações de produção, nos andares superiores está a superestrutura com o jurídico, o político e as ideologias. A superestrutura é afetada pela base, mas há uma autonomia relativa da superestrutura sobre a base e também uma ação em retorno. É a partir do ponto de vista da reprodução que é possível e necessário pensar o que caracteriza o essencial da existência e natureza da superestrutura.

O Estado. Máquina de repressão que permite à classe dominante submeter a classe operária ao processo de extorsão da mais valia. A teoria marxista-leninista capta o aparelho de estado como aparato jurídico e político e como exército que intervém diretamente, quando necessário.

Da teoria descritiva à teoria. A metáfora do edifício e a natureza do estado são descritivas. Teoria descritiva é a primeira fase de toda teoria, mas transitória porque qualquer teoria deve ultrapassar o caráter descritivo. E a acumulação de fatos do estado não faz avançar em direção a sua definição, a uma teoria científica.

O essencial da teoria marxista do estado. O aparelho de estado só tem sentido em função do poder do estado. O objetivo da luta de classes visa o poder do estado e a utilização do aparelho de estado para seus objetivos de classe. De acordo com Marx, até a destruição do estado, um dia, pelo proletariado.

Os aparelhos ideológicos de estado - AIE. A teoria do estado deve distinguir poder de estado e aparelho de estado, mas também, os aparelhos ideológicos de estado. O que, na teoria de Marx, significa aparelho de estado, aqui será chamado aparelho repressivo de estado que usa violência, mesmo que não física. AIE são as instituições: AIE religioso, AIE escolar, AIE familiar, AIE jurídico, político, sindical, da informação e cultural. Enquanto o aparelho (repressivo) de estado pertence inteiramente ao domínio público, o AIE pertence aos domínios privados (e o domínio do estado escapa ao público e ao privado). Diferença fundamental: o AE funciona por violência e o AIE por ideologia, embora às vezes eles se combinem. Os AIE, apesar de diversos, o que os une é funcionar pela ideologia, a ideologia da classe dominante. Entretanto, os AIE são não somente os alvos, mas o local das lutas de classes, dada a dificuldade de acesso ao aparelho repressivo.

Sobre a reprodução das relações de produção. A reprodução das relações de produção é assegurada pela superestrutura jurídico-política e ideológica. É assegurada pelo exercício de poder de Estado nos aparelhos de Estado.

Então:

1\. Aparelhos de estado funcionam pela repressão e ideologia - AE massivamente pela repressão e AIE pela ideologia.

2\. Aparelho (repressivo) de Estado funciona como um todo organizado sob um comando único na mão da classe que detém o poder; os AIE são múltiplos, distintos e sujeitos a contradição.

3\. Unidade dos AE assegurada por organização central, dos AIE assegurada em formas contraditórias pela ideologia dominante que é a da classe dominante.

A representação da reprodução das relações de produção se dá pelo papel do aparelho repressivo de estado que assegura pela força as condições políticas da reprodução das relações de produção e assegura pela repressão as condições políticas do exercício dos aparelhos ideológicos de estado. Se, na formação social capitalista, há um elevado número de AIE, no feudalismo, embora a

unidade do aparelho repressivo fosse semelhante, o número de AIE era menos elevado. Na verdade, o AIE religioso, a Igreja, consolidava muitos AIE: escola, cultura, etc., e atuava em conjunto com a família. Tanto o AIE dominante era a igreja, que se seguiram a reforma e uma luta ideológica de séculos, e mesmo a revolução francesa. A burguesia visava suprimir o poder ideológico dominante da igreja e, ao lutar pela ideologia política, a burguesia também visou a luta da reprodução das relações de produção capitalista pela hegemonia ideológica, que, já nessa fase, era o AIE escolar (embora parecesse ser o AIE do estado político). Isso porque com a burguesia no poder variou o AIE político: seja de democracia, da monarquia, etc. Então o duo escola-família substitui o duo igreja-família.

Portanto:

1\-. Todos os AIE concorrem para a reprodução das relações de produção, ou seja, de exploração.

2\-. Cada um com a parcela que lhe cabe, imprensa, política, cultura, religião, etc.

3\-. O concerto é dominado por uma partitura única (moralismo, nacionalismo e economismo) que de vez em quando é perturbado pelas contradições.

4\-. Nesse concerto, o AIE dominante é a escola.

A escola toma a cargo todas as crianças de todas as classes sociais, entre o AIE familiar e o AIE escolar, inculca a ideologia dominante, e forma operários, funcionários médios, agentes de mando, agentes de exploração e agentes de repressão. Cada um sabe seu papel de acordo com a ideologia que lhe foi inculcada, já que a escola dispõe de muito tempo no dia e muitos anos na vida. É na aprendizagem que são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista pela ideologia da classe dominante, dissimulada na neutralidade da escola, como se fosse desprovida de ideologia.

* Louis Althusser, Os Aparelhos Ideológicos de Estado.

Limpeza de terreno - 09/10/2015

É importante estar consciente do que deve ser feito. Muitas vezes nos deparamos com uma trave nos olhos que nos impede de termos tranquilidade para nos debruçarmos sobre o que é relevante. Senão trave, cisco, ou ciscos. Um

cisquinho que seja tira nossa atenção. Isso é tão simples e trivial que não nos preocupamos e, assim, seguimos ocupados com o que não é mais importante no momento. E não nos damos conta de que isso acontece, seja por nossa própria desorganização, seja por imposição. E desperdiçamos energia porque sempre estamos agindo. A inação é uma ação e, por isso, tudo deve ser canalizado em prol de algo que, de certa forma, valha a pena. O valer a pena aqui não é uma essência, mas uma questão de sobrevivência; tem que valer a pena estar aqui e isso envolve muitos interesses, os nossos, principalmente e, naturalmente o dos outros.

Às vezes, então somos levados voluntariamente ou forçosamente a desviar a atenção para assuntos indevidos. Fazemos um algo disparatado, mas fazemos. De certa forma, acaba importando gastar energia para dormir tranquilo, que seja cansado.

É um fato corriqueiro e cotidiano. Cada vez mais nos distanciamos das reais possibilidades e de nossos potenciais. Há uma força nos segurando, controlando nossos passos e ações. Há um regulamento há ser seguido, há uma preocupação com a nossa conservação. Essa manutenção de um sabe lá o que é uma covardia repugnante, às vezes escondida pelo cisco. Está atrás dele e não vemos. E, irrefletidamente, corremos, fazemos, vivemos e morremos.

Não é fácil sair desse círculo vicioso. Mas seja despertando por nós mesmos, seja como resultado de uma confluência ocasional que nos atinge, algo pode acontecer. Levantar a cabeça pode significar uma transformação interessante. Retirar a trave, sacudir a poeira, limpar o terreno. Enxergar! Fazer sem peso. Pensar sem fazer também é possível. Importa mais possibilidades do que resultados; importa mais sair da loteria inebriante. Se isso acontecer, pelo menos uma vez, terá valido a pena. Será recompensador, independente de qualquer valor.

Política sem sujeito - 08/10/2015

Eu queria pensar em um princípio que norteasse nossas escolhas políticas ou, pelo menos, a maneira como opinamos, senão que indicasse como formulamos pensamentos muito formais e potencialmente transformadores. Vivemos sob grande sombra do estado artificial. Mais do que nunca, somos modernos. Um dia nos agrupamos e nos associamos e não importa agora sabermos o porque. Faz tanto tempo! De fato, sempre há um poder que de algum modo se estabelece. Eu queria achar uma fórmula base para tal desenvolvimento.

Marx pensou historicamente uma luta pela propriedade. Para ele há um valor. Eu queria concordar com ele e buscar um valor também. Afinal não pensamos sempre e opinamos fundamentados em um valor?

Mas essa minha tentativa só revela o quanto dogmático eu sou por acreditar que há um alguém ou muitos por trás disso tudo. Então, me lembro de que Sartre arrochou esse eu, esse que queria isso e aquilo: lançou-o para o mundo. Não há esse eu por detrás das ações, simplesmente somos atraídos pelo mundo, o primeiro estalo é intencional e irrefletido. Não há valor aí, somos apenas reflexos quase sempre mal condicionados. O agir é estupidamente livre e essa é a nossa responsabilidade: fica difícil teorizar sobre formas de verdade e encontrar saídas. Mas tudo isso parece muito sentimental. A ação deve se estabelecer um pouco mais acima.

Precisamos entender como funcionaria uma política sem sujeito. Faz tanto tempo que esse eu vem perdendo espaço, mas a sua síntese ainda ecoa nessas reflexões. Minha revolução copernicana é expulsar esse eu da política, dissolvê-lo para poder pensar. Soa paradoxal, mas me parece um caminho.

A fenomenologia e a guinada transcendental* - 04/10/2015

A fenomenologia visava investigar as condições subjetivas que tornavam possível o conhecimento e a experiência em geral. Mas se, de início, Husserl propusera a filosofia noética que partia da redução eidética, depois entraria em questão a temática transcendental que baseava sua análise na evidência intuitiva e não somente em restrições lógicas que às vezes não se comprehende. Se, antes, tratava-se de passar da experiência para seus condicionantes formais, um novo método, da redução fenomenológica, modifica a experiência revelando nela a camada fenomenal constituinte e, através da *_epoché_* haveria a suspensão da validade objetiva existencial que é atribuída a toda a experiência. Assim, a experiência se daria de duas maneiras: a experiência natural, que é a habitual, estaria voltada os objetos a maior parte do tempo e a experiência transcendental que, pelo método da redução fenomenológica modificaria aquela experiência natural e buscara o núcleo fenomenal em qualquer experiência, um núcleo de evidência absoluta.

Portanto, o transcendental não seria um domínio de formas abstratas, ao qual se chegaria ao abandonar a experiência; ele se trataria de um modo próprio da experiência, reduzindo-a ao seu núcleo fenomenal fundante. Para fazer filosofia deveria se modificar a experiência natural voltada para os objetos e

suspender a validade das crenças pela redução: restaria o puro fenômeno, intuitivo. Se a experiência epistemológica já suporia o objeto, a experiência transcendental deveria modificá-la para esclarecer a condição de possibilidade epistemológica. Na filosofia transcendental de Husserl, não falamos de ser, falamos do que aparece como fenômeno: um lado do ser, a experiência transcendental é composta de faces, que são o núcleo da percepção visual. A redução fenomenológica busca o núcleo evidente de certeza dentro das camadas confusas da experiência.

Inicialmente, Husserl considerava que o eu tinha que ser objetivado em sentido mínimo, o eu tinha que ter algum tipo de conteúdo, deveria poder ser tema, senão não se poderia falar dele, referir-se a ele, constatá-lo, deveria se supor um caminho intuitivo para que se pudesse atestar o eu, não como ficção linguística. Do que se depreendia a incapacidade de intuí-lo, apreendê-lo, como centro de referência idêntico, como um eu puro, porque seria difícil encontrá-lo além das vivências particulares. Só seria possível trazer à intuição o eu empírico no fluxo de experiências, e não como polo unificador. Na reflexão apareceria o eu em relação às suas vivências e objetos; o eu se reduziria à unidade do fluxo fenomenológico.

Na vivência (irrefletida) a consciência estaria absorvida em seus polos objetivos e não apareceria um eu; esse somente surgiria pela modificação reflexiva. Na vivência irrefletida a consciência estaria absorvida em sua relação com os objetos intencionais que ela faria aparecer e não haveria algo como um eu coordenando essa experiência. Para surgir o eu, teríamos que pensar nele, voltar-se sobre aquela vivência irrefletida. Portanto haveria um eu fraco como unidade de todas as vivências, uma unidade de fluxo, esse eu estaria dissolvido na unidade das vivências entrelaçadas. Então a reflexão modificaria o irrefletido e tenderia a atribuir um eu. A reflexão também teria uma vivência com sensações e ações, mas a alteraria para fazer aparecer um eu. Mas, de acordo com Husserl (e Hume), para haver fluxo de experiência não seria preciso do eu, elas seriam por elas só. Portanto, o eu fenomenológico não seria senão a unidade contínua das vivências da consciência, o eu não seria o ponto diferente das vivências.

Mas, a partir da guinada transcendental, Husserl defenderia o oposto: haveria um eu puro. A fenomenologia transcendental defenderia a tese que a filosofia seria a passagem entre duas orientações do pensamento entre as quais a experiência é vivida: a orientação na natural (que não teria eu) e a orientação fenomenológico-transcendental, modificação da experiência natural. A orientação natural se voltaria para a experiência cotidiana, semelhante àquela das ciências e da verdade dos juízos, visando o mundo real, concreto. Seria uma interpretação ingênua e objetiva, voltada para as coisas que

aparecem. Para fazer filosofia, seria necessária uma interpretação antinatural, que rompesse com o modo natural de fazer ciência. Pela *_epoché_*, suspender-se-ia o ser das coisas e situações transcendentais, reduzindo a experiência ao seu núcleo fenomenal evidente. Seria suspendendo-se o ser que se iria para o modo do vivenciar que tornaria visível o âmbito fenomenal.

O eu puro seria tema da fenomenologia a partir da redução fenomenológica da orientação natural em três passos: ao partir de da descrição pessoal da orientação natural do pensar (de dentro), haveria uma sistematização teórica da tese de orientação natural, para a exposição da *_epoché_*. A reflexão natural (sem *_epoché_*) seria uma descrição da orientação natural por orientação simples: seria um discurso em primeira pessoa que cada um poderia fazer. Então, não haveria uma descrição do mundo, esse seria apresentado como uma narrativa do eu e não abstráida. Essa narrativa respeitava que a experiência comum seria pessoal e distinta dos eventos narrados, esse discurso remeteria a um eu. O que esse eu natural narraria? Em um discurso ingênuo, narraria que apareceria para o eu natural o mundo (material e cultural) como já dado, o eu se relacionaria e se adaptaria a ele. O que valesse para o narrador valeria para todos os outros eus-sujeitos, haveria uma validade intersubjetiva da experiência porque seria o mesmo mundo com existência pressuposto por todos. O *_cogito_* seria o conjunto de atos e estados subjetivos por meio dos quais a experiência natural seria vivida e ele poderia ser irrefletido nas vivências. O sujeito voltar-se-ia sobre si e narraria suas experiências, narraria o *cogito* e atos subjetivos e aí surgiria o eu: eu faria isso, eu faria aquilo... a orientação natural seria experimentada de forma egológica marcante, de forma personalizada.

A partir da orientação natural, Husserl isolaria um componente da narrativa: a tese ou posição de ser acerca dos polos objetivos que apareceriam e um dos seus componentes mais gerais: a crença na efetividade do mundo natural e de seus modos de ser (isso é, isso não é...). Então ele tiraria de ação essa tese e apresentaria a suspensão da validade da posição de ser. A *_epoché_* que suspenderia a orientação natural faria aparecer puros fenômenos sem orientação de ser e apareceria de modo absolutamente evidente na experiência reduzida um eu puro. Esse eu puro seria um polo idêntico de proveniência de atos, sem se confundir com nenhum deles poderia ser intuído, esse eu poderia ser tematizado como objeto. Portanto, o eu puro estaria ligado ao modo como Husserl apresentava a narrativa natural, mas seria um dado da experiência transcendental. A experiência reduzida seria fruto de uma modificação da experiência natural, a qual seria egológica, narrada do ponto de vista de um eu. Ou seja, na experiência natural existe um ego que pressupõe posições de ser. Pela *_epoché_*, a experiência reduzida suspende as posições de ser, mas mantém esse ego, mantém a forma narrativa egológica, que passa do natural para

o transcendental.

\-----

* notas de aula de História da Filosofia Contemporânea, prof. Marcus Sacrini (primeiro semestre/2015).

Hume anti cartesiano* - 04/10/2015

Descartes enfatizou o problema do conhecimento que vem dos sentidos que nos enganam, quer uma vez ou sempre. Ele suspendeu o mundo e se fechou no penso. Remetendo à Platão e seu mundo das ideias mais reais que o mundo real, ideias antes do mundo, ideias antes da existência. Platão buscava um ideal de conhecimento verdadeiro que vinha da ideia universal, do imutável que é em si e está nas coisas. Descartes flertava com o conhecimento certo e seguro que é estabelecido a partir de regras racionais de dedução, conhecimento demonstrativo e operado pelo juízo. Conhecimento de objetos matemáticos ideais descolados porque, para ele, se a causa do erro era o sentido, ainda assim precisaríamos fazer ciência.

Grandes impropérios para Hume que apostou que toda ideia vinha da experiência, do sensível. Assim, o conhecimento possível é o da impressão que é mais viva e dela viria a ideia. Se não referenciasse o dado não haveria garantias.

Descartes: cético dos sentidos, Hume: cético da racionalidade, a segurança cartesiana se despedeça na nossa imperfeição, na nossa limitação natural. Mover-se no mundo é guiar se por crenças que se comprovam na experiência, é se valer de hábitos adquiridos, comprovados, ousados, abusados e relacionados pela imaginação. A nossa natureza age assim relacionando e conhecendo o que há. Limitada e imperfeita, é a imperfeição que abre espaços para as conexões, o certo e seguro cartesiano, que é abstrato, não tem lugar aqui.

Isso posto à guisa de introdução, fica a questão de saber qual _telos_ se esconde por trás de tais filosofias. Descartes queria um conhecimento científico e inabalável em um momento de autoridade da igreja e fez malabarismos. Não é tarefa fácil rasgar a tradição vigiado pela tradição. E achou um ponto arquimediano, enfim. Hume repousou em berço esplêndido de nova, mas consistente tradição racionalista, mas inovou. Ante a prova cartesiana, a possibilidade humiana. Hume verificou uma característica da nossa natureza que não acessa os segredos e causas primeiras e propôs uma filosofia experimental

que lhe fosse adequada, a superação de uma metafísica de ciência dogmática em prol do possível. É porque Descartes fica no dentro, na escrivaninha, que ele consome e produz ideias. Hume vai para fora, para um fora de impressões e descobertas.

De nossa parte, em meu tempo, junto os dois, mas separando-os, Descartes de dia e Hume de noite. Se Descartes foi ciência aqui é trabalho. Divido os dois não pela episteme, mas pela linguagem que hoje me intriga. Assim penso em usar duas linguagens, uma certa e segura e outra imperfeita. Uma pensada, útil, necessária, vital. Vital porque o sistema nos onera e exige essa linguagem. Não há espaço para divagações e ruído. O público hoje virou trabalho, o público não é participação política, o público é obrigação, compromisso, quase escravidão. De noite, fora do local de trabalho, na rua, em casa, a linguagem é outra, é a que viaja, relaciona. Isso talvez pareça Habermas e sua razão comunicativa. Mas também parece conciliação e já é um progresso do pensamento sair da racionalidade em algum momento.

(*) esboço a ser aprofundado.

Como reconhecer o estruturalismo* - 13/09/2015

Quem é estruturalista em 1967: o linguista R. Jakobson, o sociólogo Lévi-Strauss, o psicanalista J. Lacan, o filósofo M. Foucault, o filósofo marxista L. Althusser, o crítico literário R. Barthes, entre tantos outros. Eles se valem de um espírito do tempo e usam a estrutura (ou sistema) nos mais variados domínios. Ela se origina na linguística de Saussure: só há estrutura do que é linguagem. Nos domínios temos a estrutura do inconsciente: ele fala e é linguagem; a estrutura dos corpos que falam com a linguagem dos sintomas; das coisas através do discurso silencioso da linguagem dos signos.

A primeira descoberta do estruturalismo é a dimensão do **simbólico** que rompe a oposição (ou fusão) entre real e imaginário – jogo dialético que vem da filosofia clássica e, depois, é abarcado pela psicanálise. Seu começo na linguística reporta, por um lado, para a palavra que tem realidade e partes sonoras, imagens e conceitos, mas, por outro, existe o elemento **simbólico** , o objeto estrutural. A estrutura encarna-se na realidade e nas imagens a partir de séries determinadas e os perturba porque é mais profunda que eles; a estrutura é o subsolo. Havia o pai real e imagens do pai na psicanálise, Lacan descobre um terceiro pai: o Nome-do-pai. O terceiro elemento é o **simbólico** , mas a própria estrutura é pelo menos triádica porque há um terceiro irreal, mas não imaginável. A ordem

simbólica nada tem a ver com uma forma sensível que se exerceia no real ou na percepção, nem com uma figura da imaginação e nem tanto com alguma essência inteligível, seus elementos formais não tem forma, representação, significação, conteúdo, realidade, enfim. Pode-se haver um desconhecimento da ordem **simbólica** por um lado, por outro o estruturalismo permite uma reinterpretação de obras e teorias.

Os elementos de uma estrutura só tem o sentido de **posição** , dentro de um espaço topológico e inextenso os elementos estão em uma relação de vizinhança em seu interior. São primeiros em relação a coisas e seres que os virão a ocupar e mesmo aos papéis imaginários que daí surge. Portanto os lugares são mais importantes de quem os preenche, pai, filho, esposa, são lugares a serem ocupados nas estruturas, entramos na fila e chegaremos lá, um dia ocuparemos o papel de morto. O elemento simbólico, sendo sentido de **posição** sem designação extrínseca ou significação intrínseca, é um sentido que resulta da combinação de elementos não significantes. Combinação excessiva dos elementos, elementos sobrepostos, sobre determinados. O estruturalismo se vale do jogo: no baralho o coringa circula pela estrutura; pensar é lançar os dados. Estruturalismo que aponta para um anti-humanismo ao valorizar a **posição** e não quem a ocupa...

As unidades de posição entram em relações **diferenciais**. Há a relação real: 2/3, 3+2, com elementos e relações reais. Há a relação imaginária: $2x+y=0$, valor não especificado, mas que deve ser determinado caso a caso. E as simbólicas: $dx/dy=x/y$, os elementos não têm qualquer valor determinado, mas se determinam na relação **diferencial** , ela sim determinada. A natureza simbólica é definida nesse processo de determinação recíproca no seio da relação. E surgem singularidades na determinação recíproca (dos pontos forma-se a curva), da determinação recíproca temos a determinação completa. As estruturas apresentam, então, os aspectos: um sistema de relações **diferenciais** segundo as quais os elementos simbólicos se determinam reciprocamente (pai só é pai se tem filho; filho só é filho se tem pai) e um sistema de singularidades correspondendo a essas relações e traçando o espaço da estrutura. Com Althusser, as relações **diferenciais** se dão entre elementos simbólicos, são categorias, designações: força de trabalho e meios de produção em relações de propriedade. Já as singularidades se referem a funções, atitudes: cada modo de produção é uma singularidade que corresponde aos valores das relações. O verdadeiro sujeito não é o homem, mas a definição dos lugares e funções. A estrutura é inconsciente e virtual, é real sem ser atual e ideal sem ser abstrata. É uma virtualidade de coexistência que se atualiza em direções exclusivas. Somente determinadas relações e singularidades se atualizam aqui e agora. **Diferenciação** : conjunto das **diferenças** em uma estrutura, a nível vertical, fora do espaço e tempo. **Diferenciação** : conjunto atualizado num dado espaço e tempo da estrutura. A gênese e o tempo na estrutura vão do virtual ao atual, não há atualização forma-forma, sempre se remete ao virtual. Atualizam-se as relações **diferenciais** (espécies **diferenciadas**) e as singularidades (partes **diferenciadas** da espécie). A estrutura é **diferencial** não só nos efeitos que nela se atualizam, mas **diferencial** em si mesma. A imaginação opera sobre os efeitos de superfície que escondem o mecanismo **diferencial** de pensamento simbólico. Então, a estrutura sendo

inconsciente (e **diferencial**) se confunde com seus efeitos. De acordo com o campo simbólico, o inconsciente se coloca, e coloca problemas e questões a serem resolvidos em cada domínio.

Qualquer estrutura é **serial** , **multiserial** , cada **série** composta de elementos simbólicos que se relacionam e só assim a **série** se põe em movimento. **Séries** de elementos e relações, sistemas, diferença. Não há regra geral para a organização das **séries** constitutivas de uma estrutura. O problema que o estruturalismo coloca objetivamente se resolve a partir dessas constituições **seriais**. As **séries** se deslocam umas em relação às outras, não é um deslocamento imaginário, é estrutural e simbólico, pertence aos lugares no espaço da estrutura e aciona os disfarces imaginários dos seres e objetos que secundariamente ocuparão esses lugares.

A **casa vazia** , **objeto = x** paroxusal que aparece nas estruturas, é capaz de convergir séries divergentes, se move e circula em cada série. Como nas canções onde o refrão é relativo ao **objeto = x** e as estrofes as séries divergentes pelas quais ele circula. Objeto sempre deslocado a si mesmo, está onde não se procura. Não é real porque falta no seu lugar, não é imagem porque falta na sua própria semelhança, não é conceito porque falta na própria identidade. O **objeto = x** é o diferenciante da diferença. Como no jogo que só funciona com a **casa vazia** que muda de posição constantemente. É a palavra "coisa" que possui excesso de sentido, que significa nada ou qualquer coisa, ou que dota de sentido o significante e o significado. Ou o **objeto = x** é determinado como falo, nem o falo real, nem as imagens a ele associadas, mas o falo simbólico que funda a sexualidade. O falo é uma questão e designa a **casa vazia** da estrutura sexual. Assim como na estrutura econômica a **casa vazia** é o valor, o não empírico atribuído ao trabalho em geral. Mas, o que vem primeiro, o valor ou o falo? Não há ordem nas estruturas, elas estão perpendiculares umas as outras e à experiência única do indivíduo.

Então a estrutura é preenchida em si por elementos simbólicos e, atualizada, é preenchida por seres reais; o que não se preenche é a casa vazia. Vazio positivo que não é lacuna, mas espaço a ser preenchido. O **sujeito** é a instância que segue o lugar vazio, menos **sujeito** e mais **sujeitado** , o estruturalismo dissipia o **sujeito** e o faz nômade, individual, mas impessoal. E podem ocorrer dois acidentes na estrutura: ou a casa vazia não é preenchida (vira lacuna) ou é preenchida e sua mobilidade perdida. Esses acidentes são aventuras da casa vazia suscitados por contradições internas à própria estrutura, acontecimentos que afetam a casa vazia (ou **sujeito**). O **sujeito** não preenche, mas deve acompanhar o deslocamento da casa vazia, deslocamentos que geram novas singularidades, e pela **práxis** essas singularidades são redistribuídas; novos dados são lançados. Portanto, há um processo de produção estrutural que produz efeitos nos diferentes níveis da estrutura, sejam eles: o real (os seres reais); o imaginário (as ideologias); o sentido e a contradição.

*Resenha (e colagens, recortes) do texto homônimo de Gilles Deleuze.

Bando de loucos - 13/09/2015

Eu vejo gente conversando na rua, dois homens indo para o trabalho. Eu passando pela calçada observo uma mesa com pessoas reunidas por detrás de uma porta de vidro. Eu vou ao bar e há grupos de amigos bebendo e trocando ideias. Eu vejo tudo isso e acho estranho... Sobre o que essas pessoas conversam? O que elas pretendem conversando? Será que elas pretendem emitir uma opinião, se resguardar, influenciar o interlocutor, enfatizar suas convicções, enfim, o quê? Eu me pergunto se, na verdade, elas sabem o que pretendem. Creio que não... Mas eu tenho a impressão que elas não sabem o que pretendem porque não sabem o que é possível. Não por elas próprias, mas pelas condições a que são submetidas.

As pessoas se encontram e falam, falam. Falam e não sabem se são ouvidas, mas falam. Eu suspeito que elas não sejam ouvidas e que mal sabem o que falam e porque falam. De fato, surgimos nesse mundo de falar em que não se sabe se escutar e, muito menos, comunicar. Não examinamos essa condição[[1]](https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#_ftn1) e acreditamos que é natural e que é o único meio que temos de viver. Porque quase tudo se faz falando ou se comunicando.

Entretanto, estou certo que em um mundo com a quantidade enorme de ruídos que temos qualquer tipo de comunicação é inviável (senão impossível), pelo menos da forma que conhecemos atualmente. Por que nascemos assim, utilizamos a linguagem, tudo não passa de certa instrumentalização. A linguagem não é fim, ela é meio. Ela serve a interesses e, por isso, não é confiável. O objetivo do homem ao falar é se valer de uma necessidade que é criada. O objetivo do homem não é uma comunicação *_stricto sensu_*. O homem sabe que tem ruído na conversa e usa isso como moeda de manipulação. Está na hora de começarmos a desvelar essa forma de comunicação hipócrita e comezinha.

Embora me seja simpático, não quero propor aqui uma volta a um estado de natureza antissocial. Mas também não quero esse meio termo da linguagem que conhecemos. Não é viável tal tipo de comunicação em que falamos, falamos e, às vezes, escutamos, escutamos. E? E, nada! E falamos e escutamos, somente.

Uma forma de comunicação só seria aceita se houvessem todas as garantias de um profundo entendimento. Oh, mas e a subjetividade, a relação de transferência, a liberdade que por aí se insere? Não há liberdade aí. O que há é um não saber disfarçado de liberdade.

O que há é um contentar-se com pouco. Evoluamos! Não significa dominemos o mundo, não significa vida eterna. É somente uma busca por uma forma de comunicação mais elementar, básica, consistente e que também pode ser estimulante e surpreendente. Não sejamos um bando de loucos.

[[1]](https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#_ftnref1)
Aqui não entraremos no mérito da linguagem enquanto estrutura subjetiva partilhada historicamente por todos os homens.

Desconstruindo o sujeito* - 09/09/2015

Vem da modernidade o projeto de recuperação do homem antigo e uma fundamentação da racionalidade. O eu revitalizado e revalorizado irrompe com suas ideias e sua consciência. O eu é autônomo, é possível falar ontologicamente de um eu que age, a subjetividade do eu é marcante na filosofia.

Os séculos se passam e o eu perde força até que Freud inventa o inconsciente. Há um algo além da nossa subjetividade, um desconhecido que não podemos explicar. Althusser propõe uma leitura de Marx pelo não dito, pelas lacunas. Mas o que é esse invisível? É o inconsciente, sempre presente, latente. Há o dito e o não dito, que às vezes diz mais. E ele ainda argumenta que o próprio Marx usou esse expediente na leitura dos economistas clássicos...

De toda forma, o inconsciente é estruturado. O estruturalismo francês coloca o sujeito em estruturas predeterminadas, estruturas feitas de relações e de lugares que ocupamos, como sujeitos. Exemplifico, ontem fui a um casamento, havia uma noiva, um noivo, o pai da noiva, os amigos, etc. Em todo casamento existem esses lugares a serem ocupados, de pai, mãe, convidado, etc. E ocupamos em cada casamento, lugares diferentes. Estamos nessas estruturas existentes antes de nós. A subjetividade perde espaço em prol da estrutura dada. Para Althusser, o próprio capitalismo se vale da estrutura: relações de produção, modos de produção, a forma mercadoria, todo um aparato em que nós, sujeitos, apenas nos encaixamos.

* A partir do que pude apreender em notas de aula de Teoria das Ciências Humanas, prof. Vladimir Safatle.

Camadas de artificialidade - 29/08/2015

No começo era a terra, a água, o verde da natureza e os bichos. Depois veio o homem com seus instintos: comer, dormir, se reproduzir. Ele era o bom selvagem* e precisava sobreviver, mas tinha compaixão de si e do sofrimento alheio. Em algum momento o homem começou a se expressar individualmente e a comunicar-se [entre si], formou comunidades e se socializou. Acreditamos que por aí se mostra a primeira camada de artificialidade: a produção da linguagem e a criação de regras de convívio social. Tudo o que é produção humana é artificial, excetuando-se a procriação que é natural. O organismo humano é natural e ele estava bastante ligado à natureza, naquele tempo longínquo. Na natureza, os fenômenos e as interações entre os seres seguem sua lógica, na qual o homem se insere. Mas, quando ele se insere, ele muda a correlação de forças, porque produz coisas artificiais. O homem não soube (ou não quis) se manter na lei natural, ele criou a sua própria lei e submeteu a ela a própria natureza. Se a primeira camada de artificialidade era composta pela linguagem e valores éticos, a ela se sucederam outras: a vestimenta, a propriedade, a moeda de troca, os utensílios, as armas. De fato, nos parece que a primeira camada de artificialidade foi não material [ou virtual], oriunda de esforço mental e psicológico, e dela surgiram necessidades materiais: os objetos criados a partir de transformações naturais. A partir dessas duas camadas, de suas sobreposições, de seus relacionamentos e cruzamentos, advieram outras camadas artificiais materiais e virtuais, até chegarmos aos nossos dias.

Portanto, houve um processo histórico que irrompeu na atualidade e seguindo um determinado caminho, transpondo e criando camadas artificiais. Seria um trabalho importante identificar séries que trilharam determinadas camadas materiais e virtuais para poder identificar sua origem natural e qual o alvo artificial atingido. Contudo, o que a construção das camadas artificiais nos permite concluir é que elas são fator determinante em todos os nossos atos e relações. A tal ponto que fica realmente difícil poder estabelecer qualquer valor de verdade, de certo ou errado e de julgamento. A densidade de artificialidade polui nossos interesses e não temos nenhuma garantia de como ou porque defendê-los. Nossos interesses, se perdendo nas camadas de artificialidade, se alinham ou se chocam com os interesses dos outros e, sem o estabelecimento ou a publicação da cadeia perpassada em cada camada artificial, realmente não podemos chegar a nenhuma conclusão, não podemos defender nossos pontos de vista e nem lutar por eles.

Esse histórico artificial extrapolou na atualidade e caímos em um relativismo absoluto. Nenhum argumento que se dê muita acima de camadas de artificialidade pode ser factível ou provável. De qualquer forma, algumas esferas institucionais, sociais, etc., procuram se precaver. Isso pode ser verificado no caso das ciências que delimitam seu contexto e suas variáveis, mas querendo se fazer neutras pecam em uma petição de princípio: atestar neutralidade já não é ser neutro. Além do mais, as ciências acabam por se fechar em si mesmas e, por mais que procurem se aproximar de uma camada natural, primitiva e essencial, produzem resultados que ecoam em camadas de artificialidade desprovidas de critérios de escolha e seleção, ao Deus dará da poluição e confusão que elas causam.

Por tudo isso, as infinitas camadas de artificialidade combinadas, regadas aos mais diversos elementos materiais e virtuais nos devem fazer desconfiar de qualquer necessidade vital nossa. Individualmente, não temos critérios de garantia. Então, se isso vale para mim, vale para os outros e vale para toda e qualquer relação de transferência ou zona de diálogo entre eu e os outros. Do que podemos concluir que não devemos estar tão entrincheirados e que qualquer guerra não parece ter fundamento, se não forem retrocedidas a um algo natural ou se não forem elucidadas todas as camadas artificiais materiais e virtuais por ela atravessadas e que forneçam subsídios para o ataque.

* Aqui nos inspiramos na teoria naturalista de J.J. Rousseau.

Ceticismo alegre e modesto* - 26/08/2015

Sobre a obra de Hume importa ressaltar que começa com o _Tratado da Natureza Humana_ , que não foi acolhida pelo público e faz com que o filósofo mude o estilo e parta para as investigações (acerca do entendimento humano e acerca dos princípios da moral), recolhendo fatos e usando o inquérito como principal recurso. A filosofia é um jogo que tem suas regras e onde é preciso inquirir; a filosofia é uma caçada. Remetendo à tradição britânica de Lorde Bacon e Sir Isaac Newton, a investigação aplica o método experimental da ciência para entender a natureza humana, entender o homem em suas ações e ser entendido por ele: "Sede filósofo, mas sede sempre homem".

Reforçando o conceito, para o empirista Hume, as ideias provêm das impressões, sendo as últimas mais vivas que as primeiras, mas as primeiras se estabelecendo a partir da reflexão, do pensar. Esse é o papel do pensamento: organizar ideias que são metódicas, estabelecer conexões a partir das regras de semelhança, contiguidade, causalidade, etc. Nesse processo, o espírito é guiado pela experiência, se não há experiência, ele vagueia. Por outro lado, pelo empirismo cético, a inferência de um efeito a partir de sua causa é feita pela imaginação, a razão nada pode demonstrar a esse respeito. Aqui se abre espaço para a ação: é ela que combate nossa ignorância, a partir do hábito passado posso acreditar no futuro. É a imaginação que domina a mente. A natureza humana se guia pela crença que nos permite assumir o que não existe como já existente, cremos em ideias quase tão vivas quanto às impressões. Às vezes, existe espaço para a ficção: algo ocorre diferente do previsto - nesse caso, só sabemos a posteriori. Portanto, é a crença que é o princípio diretor de nossas ações, ela toca o nosso espírito de tal forma que nos faz distinguir entre as ideias do julgamento das ficções da imaginação.

Hume atesta o poder da imaginação: somos irracionais, mas imaginativos. A imaginação é extremamente livre, se nos faz acreditar em quimeras, ela harmoniza o curso da natureza com a sucessão de nossas ideias. Somos guiados pela experiência usando a liberdade da imaginação para agir. Mas a liberdade é condicional porque se baseia na conjunção das causas e feitos, nossa moral vem com regras e apreciações a reboque. Na esfera moral nada podemos prescrever e não há orientação sobre o que fazer porque a causa da ação vem da experiência. Pelo método de Hume, é aí que devemos procurar a impressão que está por trás de uma aprovação ou desaprovação, através do inquérito sobre a origem de nossos sentimentos.

A moral de Hume combate o egoísmo e se volta para a ação, exaltando a simpatia entre os homens, mas sem dispensar o caráter de utilidade. Somos benévolos com os outros porque a nossa situação é precária, senão não precisaríamos ser. Da mesma forma que a justiça não é útil em uma sociedade com abundância. De qualquer forma, há um sentimento moral que nos empurra para a ação, seja para a benevolência ou para a justiça. E somos parciais, mas podemos aprender as vantagens de sermos justos. Isso não quer dizer que haja um cálculo frio, somos orientados na ação moral pela paixão - aquela impressão de segundo grau e reflexiva. Menos a razão fria que diferencia o verdadeiro do falso, mais a paixão que age e inventa; menos a indiferença irracional e mais o calor natural.

Por outro lado, as investigações, o inquérito, sempre deixam algo no ar. Há espaço para diálogo e aqui se insere o ceticismo temperado de Hume. A moral se orienta pelos mesmos princípios racionais, embora tire conclusões diferentes;

não há uma filosofia doutrinária, mas uma filosofia modesta, de troca. É preciso, menos do que concluir, aprender a pensar. Hume não renuncia ao homem, mas domestica suas surpresas.

E, para lá das investigações, ainda permanecem as difíceis questões do tratado, como, por exemplo, a ideia de um _eu_, considerando que as nossas experiências se constituem a partir de um tecido de impressões particulares. Se a experiência só apresenta impressões sucessivas como podemos considerá-las unificadas pelo _eu_? O fluxo de causa e efeito da natureza é o mesmo fluxo de causa e efeito de nossas ideias... Deixemos essas pendências em aberto para exame posterior.

* Resenha do capítulo sobre Hume no livro *Gradus philosophicus: a construção da Filosofia ocidental*, organizado por Laurent JAFFRO e Monique LABRUNE. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996.

Empirismo lógico* - 17/08/2015

Hume provoca uma guinada no empirismo: conceito histórico que limita o mundo das ideias ao que recebemos dos sentidos, todo o conhecimento se origina na experiência. Para Hume, as impressões que recebemos vêm dos sentidos e compõem nossas ideias, mas cada ideia é um termo separado, e cada ideia é ligada a outra por uma relação, ou seja, há ideias de termos e ideias de relações. Uma ideia não é atribuída à outra por um juízo, pelo verbo "é", mas elas são justapostas e ligadas pela conjunção "e"; é uma lógica das relações. Aqui já temos um esboço do empirismo lógico: recebemos impressões sensíveis e as ligamos logicamente.

A relação, então, é a passagem de uma ideia a outra e faz parte da natureza humana, como, por exemplo, os princípios de associação, causalidade, etc. Pelo princípio de causalidade de nossa natureza usamos locuções que não se dão na experiência, como: amanhã, sempre, necessariamente. O sol necessariamente nascerá amanhã? Não temos certeza porque isso não está dado na natureza agora,

mas inferimos, cremos, daí as crenças que estão na base de nossos conhecimentos. As crenças se baseiam em casos semelhantes (todo dia o sol nasce...) que se fundem em nossa imaginação e formam nossos hábitos, mas no entendimento esses casos permanecem distintos e fundamentados na experiência.

Portanto, as relações que estabelecemos vêm do entendimento e da imaginação. Mas podemos passar de uma ideia a outra ao acaso. Quando isso ocorre, a imaginação usa as regras do entendimento para produzir ficções, delírios, forjando princípios de natureza humana. A fantasia cria relações fictícias nos fazendo crer em loucuras e mesmo duplicando os casos reais por uma repetição verbal - e cremos no que falamos! Se o ceticismo vinha do erro dos sentidos, de sermos enganados pela impressão das coisas (lembremo-nos do exemplo de Descartes do tamanho do sol que nos aparece pela visão e é diferente do tamanho real), para Hume não há erro, não há crenças falsas, mas crenças ilegítimas. Pelas relações de causa e efeito fazemos cálculos de probabilidade, mas, às vezes, a ficção não pode ser corrigida e mesmo crenças ilegítimas vão fazendo parte de nossa natureza humana. Como acontece com as crenças ilegítimas no mundo, no eu e em Deus que formam a base de nossas crenças legítimas.

A investigação sobre o conhecimento começa e termina no ceticismo, mistura ficção e natureza humana. Mas a natureza humana não se guia somente pelos princípios de associação de onde decorrem as relações, mas de princípios de paixão de onde decorrem os pendores. Na base da associação: relações + pendores. Se os princípios da associação nos fazem ultrapassar o dado, no fundo das paixões não há egoísmo, mas parcialidade, nos apaixonamos pelos que estão próximos de nós. De forma diferente do contrato social que limita egoísmos, a proposta é superar a parcialidade, de um estado de limitações legais deveríamos criar artifícios, invenções institucionais para superar nossa parcialidade. Se Hume embricou o conhecimento entre ficção e natureza humana, agora a natureza humana deve ser inventiva para ultrapassar as parcialidades.

As paixões são a extensão artificial para superar a parcialidade humana, elas ressoam na imaginação fazendo ultrapassar os limites naturais. Os princípios de associação estão estabelecidos na imaginação como regras de cálculo, como objeto do conhecimento. As paixões, os sentimentos estéticos, morais, políticos se sobrepõem a esses objetos e formam as regras de gosto, do direito, etc. Na posse, o que vale é a relação que estabelecemos com o objeto, que seja suficiente para apresentar garantias: não basta lançar um dardo sobre a porta para garantir sua posse, é preciso tocá-la.

*Resenha do texto: Iluminismo – Hume. De Deleuze, na coleção de História de Châtelet.

O princípio de nossas ações - 12/08/2015

Gostaríamos de entender se há um princípio básico norteando nossas ações e se ele poderia ser o mesmo para qualquer pessoa. Existem ações instintivas, fisiológicas, mas existem outras ações que se originam a partir de um valor, de uma reflexão intelectual, um cálculo. Também existe cálculo na ação instintiva, mas ele se situa na esfera da conservação de si, é um cálculo orientado para a necessidade de sobrevivência e esse valor parte de um princípio vital.

E qual seria o valor, qual seria o princípio considerando as ações que se seguem a partir de pensamentos? Por exemplo, o ato de ir trabalhar pode ser considerado um ato não instintivo. Quando acordo cedo e estou com sono, meu organismo tende a querer dormir, mas existe uma ação de levantar para ir trabalhar. Trabalho por que faço parte de uma sociedade que depende de várias funções, trabalho por que preciso ganhar dinheiro ou trabalho por que gosto? (Nos ocorre agora apenas esses três princípios para a "ação exemplo" trabalhar, mas podemos fazer outros exercícios, com outros princípios ou outras ações).

Considerando que trabalho porque faço parte de uma sociedade, trabalho para essa sociedade, mas também para que a sociedade trabalhe para mim. Nesse caso, existem várias funções e, quando possível, tentamos escolher qual função queremos realizar. Comparamos as funções utilizando vários critérios, mas escolhemos dentre as que cremos melhores para nós. Escolhendo a que consideramos a melhor, deixamos as que restam para os outros.

Considerando que trabalho porque preciso ganhar dinheiro, a resposta já está na pergunta: se preciso ganhar dinheiro me movo pela competição - quanto mais eu ganho, menos alguém ganha, não há fórmula diferente. Nessa abordagem somos forçados (por pura falta de opção), nos regulamos por uma lei da selva que me beneficie de alguma forma.

Se eu trabalho porque gosto é porque eu quero me sentir bem, independentemente do que se aplique aos outros. Eu posso gostar de trabalhar, embora todos queiram gostar de trabalhar, mas o que importa é que me seja de bom grado.

Qual valor tange os três princípios que orientam a ação de trabalhar? Obviamente, todas as ações são realizadas por um _eu_. Há sempre um _eu_ como princípio de nossas ações, _mas_ também há sempre um _eu_ como fim, como objetivo. O _eu_ é causa e consequência. E o valor: por trás de todas as nossas ações há um _princípio básico de estudo das melhores opções_ para o _eu_, independente de consequências morais, políticas, sociais, etc., mesmo que dentro da lei. É somente esse princípio que rege as nossas ações, ele é o único valor, independente de qualquer aparência. Continuaremos com o tema...

Fala que eu te escuto - 01/08/2015

A voz como algo concreto não existe. Porque a voz preenche um espaço, porque ela nos aproxima das outras pessoas, porque ela nos toca, _parece_ que ela existe. Mas não, a voz é uma designação, um símbolo que remete a um nada, remete a uma forma vazia. Pensem na voz, o que é a voz? Alguém já viu uma voz por aí? A voz é um barulho como outro qualquer, mas tendemos a achar que a voz tem poder. Tudo não passa de mecânica, ondulatória, enfim. Há uma vibração que se desloca no ar, no tempo e no espaço, há um som acontecendo agora que me toca. A voz é uma codificação dos órgãos vocais - esses sim existentes, uma proliferação acústica no ar, uma decodificação dos órgãos auditivos, tudo isso junto e num intervalo de tempo quase instantâneo. Não há uma voz única e solta no ar. Não há um ser voz, há toda uma transferência de ondas que se deslocam em um meio.

Não há nenhuma garantia de comunicação limpa e ideal pela voz. Nas codificações e decodificações há uma presunção de transferência de conteúdos mentais, há uma semântica e uma sintática embutidas na mensagem que se desloca pelo meio de propagação. Há um discurso lógico intrínseco que se vale de uma regra estabelecida e que é admitido por todos. Mas há um sentido que se quer expressar que não é garantido. A interpretação é pessoal, independente de tudo o que há de objetivo e que garante a comunicação intersubjetiva. Mas o escutar e o consentir não significam em hipótese alguma um assentimento relativo ao sentido. Você fala, eu escuto e _pareço_ concordar, mas não posso me comprometer com você. Não por uma questão ética, mas porque: 1.) como sua mensagem me toca e 2.) quais os efeitos intelectuais que ela me causa, ambos os eventos são secretos e somente meus porque competem à minha psique. Não há pacto de sangue que garanta isso. Não me venha cobrar depois por certo assentimento baseado nessa transmissão cheia de ruídos. Apenas um pode

concordar com o que foi dito: o emissor. E mal ele, porque ele quer algo quando fala, mas ele quer algo naquele momento. Depois, em um segundo momento, ao defender o dito, o dito virou objeto, o que se defende agora é a supremacia, uma coerção, porque nunca pode haver um acordo. O interesse é sempre de quem propõe e baseado em inúmeras condições empíricas determinadas de cada momento.

Discutamos eu e você todo dia o mesmo assunto, alguma ideia em que discordamos. Certamente a cada dia a discussão será diferente porque a cada dia somos tocados por novas informações e influenciados por opiniões que nos afetam e sentimentos e pensamentos que criamos. Mais do que isto, a discussão de hoje tem por pressuposto a discussão de ontem, já está dentro de um plano de imanência e de diálogo estabelecido. Assim, é absolutamente certo que a fala é algo contingente e que seus desdobramentos podem ser imprevisíveis.

É desse contexto de imprevisibilidade que a autoridade se aproveita. A autoridade quer recuperar o dito e transformá-lo em verdade. A autoridade quer realizar o dito, mas ele já foi dito, agora ele não é mais nada. E, quando foi dito ele se valeu do desejo do emissor, lá ele queria e teve o assentimento pretendido e agora cobra, conforme já aventamos, não o dito, mas o assentido. Mas sabemos que a realização do dito, a fala em si mesma, não é nada de especial e separada, a fala é a conjunção dos seus órgãos orais, do meio e dos meus órgãos auditivos, além de infinitos outros ruídos de toda ordem. Uma simples resposta, um assentimento não é um consentimento. Se cobre pela sua pretensão de querer verborragicamente me submeter. Você talvez saiba o que pretendeu e o que queria. Parece-me muito mais que você quer sempre adesão e não comunicação.

Houve momentos em que a fala moveu multidões: Hitler moveu milhares para debaixo da terra ou os transformou em cinzas espalhadas pelo ar. E tantos outros exemplos... Nesses casos, a contingência virou necessidade, mas a necessidade não é da fala porque a fala é o meio, ela é instrumentalizada para mover. A necessidade vem de fora, há uma força externa operando. Aqui não há ruído na transmissão porque todos sabem o que querem escutar. Não culpemos Hitler e sua propaganda, não culpemos a mecânica do seu som. Havia uma causa muito maior em jogo e que já estava dada, aquilo foi necessário. Todos aqueles eventos encadeados só nos fizeram parecermos mais homens do que jamais teríamos sido outrora. Ali nossa humanidade aflorou, desabrochou regada por chuva ácida. Foi lá que as contingências se cruzaram e dali brotou a necessidade de provarmos que sim, podíamos fazer aquilo porque éramos imbatíveis. Mais do que nunca, ali a fala mostrou sua contingência, mais do que nunca a autoridade se aproveitou da fala concreta e, fingindo ser necessária, nos fez acreditar que não havia e não há acordo entre nós. Mas ali

também nos provou que concordar com a fala autoritária não é consentir psiquicamente, mas covardemente delegar nossa própria responsabilidade.

Por isso, não me venha com sua fala mansa, com uma conversinha mole. Não queira me convencer para me vencer. A sua fala é a minha fala porque a sua voz só é algo porque estou aqui com meu corpo e meus órgãos. Não queira que eu concorde, fala que eu te escuto. Só isso.

Lixo - 29/07/2015

Tem tanto lixo nesse mundo. Tantas preocupações desnecessárias. Lixo! Tantas críticas a serem feitas. Lixo! Tanto pudor. Lixo! Existe uma virtude a ser demonstrada. Lixo! Existem muitos canais na TV. Lixo! Muitas campanhas publicitárias. Lixo! Temos que comprar! Lixo! Tanto noticiário... Lixo! Notícias importantes. Notícias importantes? Aonde? Lixo! Reclamações, reclamações, lixo! Acordo e vou para a rua e vejo muito lixo: nas atitudes, nos escapamentos, de fato.

Não, o mundo não é só lixo, a vida não é um lixo. Mas temos que reciclar o que há de lixo no mundo e em nossas vidas. O lixo nos afeta, o lixo é algo que não deveria estar, não deveria aparecer, mas é uma das coisas que mais fazemos. Como produzimos lixo! Como conservamos lixo! Como presenteamos lixo!

Se a fala não fosse tão necessária e automática, poderíamos selecionar a nossa emissão de lixo. Mas há um impulso, toda uma vibração interna presa precisando ser extirpada. O lixo escorre pela boca, babamos lixo. Babamos lixo porque não temos nada melhor para babar. Cuspimos lixo em todo mundo, sem saber. Mas achamos que temos um tesouro guardado. Esse tesouro é lixo. Te desejo muito lixo nessa vida, seja feliz.

Crença cética* - 22/07/2015

Hume extermina qualquer relação de causa e efeito necessária. Expliquemos: nada garante que uma maçã ao se desprender de uma árvore cairá para baixo. Nada garante que o sol vai se por hoje e nascer amanhã - seja na orientação

ptolomaica ou copernicana. Não há lei na natureza, a natureza é. Os fenômenos, os fatos se repetem ou não, enfim. Da mesma forma, não há uma relação de causa e efeito necessária entre nossas idéias, no nosso pensamento. Elas são. Cada uma, separadamente. Não há garantia de que o pensamento A leve ao pensamento B.

De acordo com Hume, podemos estabelecer crenças que advém de fenômenos que se repetem, por exemplo, a crença que o sol vai se por hoje à noite. Só tenho essa crença porque isso aconteceu todos os dias de minha vida, mas isso não está associado à minha racionalidade. Nada garante a correlação como necessária, os fatos e eventos estão apenas justapostos, sem lei.

Estamos então dentro da abordagem céтика: nada garante o que vai acontecer, ou seja: não somos videntes!! O que garante que o sol vai se por mais tarde? Uma lei da física? Da física de um nobre senhor chamado Copérnico? Ou Newton, ou Luís... Enfim, nada garante.

Mas, então, como eu me movo no mundo, com que garantias? Sem elas, mas a partir de crenças que vamos selecionando, nas quais acreditamos mais ou as quais prometem um caminho mais longo. Como Hume: naquelas que nos marcam mais, que apresentam maior força e vivacidade. Recordemos o exemplo clássico: imagine um ET recém chegado na terra que avista uma jogada em uma partida de sinuca. O jogador move o taco em direção à bola... O que irá acontecer, como saber? A bola vai se mover? Para onde? Sabemos porque vemos e acreditamos, cremos, tem sempre uma primeira vez para aprendermos. Aprendemos X, depois Y, então pode ser que X se choque com Y e selecionamos, sem lei, sem raciocínio, sem necessidade: é puro gosto! E gosto não se discute, cada um com o seu.

* Trazendo Hume de volta ao debate a partir de uma primeira leitura rápida do texto: "D. Hume para além da epistemologia" de Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

Como economizar energia mental* - 18/07/2015

1. **A economia da ciência**

É objeto da ciência substituir ou guardar experiências pela reprodução ou antecipação dos fatos no pensamento. A memória é mais acessível do que a experiência e frequentemente responde ao mesmo propósito.

A linguagem, que é o instrumento de comunicação das instruções da ciência, é ela mesma um aparelho econômico e a linguagem escrita está se transformando gradativamente em um sinal universal ideal.

2. **Sensações**

Outra tendência econômica é que a reprodução de fatos no pensamento é invariavelmente feita de abstrações.

A natureza é composta de sensações como seus elementos e nela não existe coisa que não se altere. O mundo não é composto de coisas como seus elementos, mas de cores, tons, pressões, espaços, tempos que são as sensações individuais.

Na reprodução dos fatos nós começamos com os compostos mais duráveis e familiares e depois complementamos com as coisas mais incomuns por meio de correções. Todos os nossos julgamentos são ampliações e correções de ideias já admitidas.

3. **Causa e efeito**

Não há causa e efeito na natureza; a natureza só tem uma existência individual; a natureza simplesmente é. A conexão entre causa e efeito somente existe na abstração que fazemos para reproduzir os fatos mentalmente. Basta um fato se tornar familiar e não pensamos mais na conexão de causa e efeito, nossa atenção se volta para coisas novas.

Hume rejeita a causalidade e reconhece somente uma sucessão habitual no tempo. Kant corretamente notou que a conexão necessária entre A e B não poderia ser descoberta pela simples observação. Ele assume uma ideia inata ou categoria da mente, um conceito intelectual, sobre os quais os casos da experiência são subordinados. Schopenhauer, que adota substancialmente a mesma posição,

distingue quatro formas do “princípio de razão suficiente”: física, lógica e matemática e a lei de motivação. Mas essas formas diferem somente quanto ao que são aplicadas, pertencendo à experiência interna ou externa.

As ideias de causa e efeito brotam de um empenho da reprodução de fatos em pensamentos. Novas experiências são iluminadas com base no acúmulo de experiências antigas. Como um fato, então, realmente existe na mente uma ideia sobre a qual novas experiências são subordinadas, mas a própria ideia foi ela mesma desenvolvida da experiência. A noção de necessidade da conexão causal é, provavelmente, criada pelos nossos movimentos voluntários no mundo e pelas mudanças que eles indiretamente produzem, como Hume havia suposto, mas Schopenhauer contestou. Muito das ideias de causa e efeito é devido ao fato que elas são desenvolvidas instintivamente e involuntariamente, e esse senso de causalidade não é algo individual, mas desenvolvido pela nossa raça. Causa e efeito são, portanto, coisas do pensamento e tem uma função econômica. Não podemos dizer *por que* elas surgem. Pois é precisamente pela abstração das uniformidades que nós conhecemos a questão *por que*.

4. **Ciências descritivas**

As ciências descritivas, por reconstruir uma grande quantidade de fatos, tentam agrupá-los em uma expressão única. Na natureza não há lei de refração, somente casos individuais de refração. A lei de refração é uma regra sucinta, inventada por nós para a reconstrução mental de um fato, e somente para sua reconstrução em parte, isto é, sobre seu aspecto geométrico.

5. **Matemática economiza energia mental**

As ciências mais economicamente desenvolvidas são aquelas que resumem fatos em um pequeno número de elementos, como a mecânica que se baseia em espaço, tempo e massa. Ao utilizar a matemática se aproveitam das noções de contagem, seja pelas operações numéricas ou aritméticas, seja pelas reduções obtidas pela álgebra. A matemática é o método de substituir, de maneira mais compreensiva e econômica possível, novas operações numéricas por antigas que já tenham os resultados conhecidos.

Frequentemente operações envolvendo intenso esforço mental podem ser substituídas pela ação de rotinas mecânicas, com grande ganho de tempo e evitando fadiga. Através de operações matemáticas pode ocorrer um completo

relaxamento da mente que pode ser poupada para tarefas importantes. A ciência deve se aplicar em utilizar o trabalho científico sempre que possível, evitando esforço mecânico dispendioso, poupando energia.

6. **Física e economia mental**

A física também fornece exemplos dessa economia de pensamentos. No pequeno tempo de vida do homem e com sua capacidade limitada de armazenar conhecimentos, o papel da ciência é associar o menor numero possível de pensamentos que abarquem os fatos possíveis, propiciando máximo de economia mental.

7. **Teoria e experiência**

Assim, a função da ciência é substituir a experiência, porém, a ciência não deve se ocupar de questões onde não é possível nem uma confirmação nem uma refutação. A comparação entre teoria e experiência deve ser prolongada mais e mais, na medida em que se refinam os meios de observação. Somente a experiência desassociada das ideias sempre será estranha para nós.

8. **Economizando as lacunas da experiência**

Também é importante utilizar as ideias para cobrir as lacunas que a experiência possa deixar e, de acordo com ela, podemos associar ideias com sensações que não podemos perceber.

9. **Artifícios mentais**

Átomos não podem ser percebidos pelas sensações; como todas as substâncias, eles são coisas do pensamento. Além do mais, eles contradizem atributos que podem ser observados nos corpos. Porém, algumas teorias atômicas podem ser usadas para reproduzir certos grupos de fatos. A teoria atômica usada na física é similar a certos conceitos matemáticos auxiliares; é um modelo matemático que facilita a reprodução mental dos fatos.

10. **Economia na história**

Todos que já se utilizaram da investigação científica de alguma forma trabalharam com os aspectos econômicos de fazer ciência, como Copérnico, Galileu e Newton, embora não os mencionassem explicitamente.

11. **Adequação empírica**

Dirigir a atenção para um fenômeno individual: a adaptação das ideias aos fatos, adaptação das ideias umas com as outras, economia mental.

Mesmo quando a análise lógica de todas as ciências estiver completa, a investigação biológico-psicológica do seu desenvolvimento continuará a ser uma necessidade. A economia mental é, entretanto, independente disso, um ideal lógico muito claro que preserva seu valor mesmo depois que toda a análise lógica estiver completa.

A economia mental supera o estudo escolar, podendo ser enraizada na vida da humanidade e respondendo poderosamente sobre ela.

\-----

* Resenha – texto “The Science of Mechanics – A Critical & Historical Account of its Development” – Ernst Mach.

Dois condicionantes para uma pseudo análise social - 14/07/2015

Gostaríamos de explicitar dois condicionantes ou dois fatores que orientem ou permitam conduzir-nos em um viés de análise de comportamentos sociais.

O primeiro deles se enuncia da seguinte forma: _nunca devemos sobrekarregar qualquer pessoa em uma situação em que ela está com o sistema_ , ou seja, se devemos apontar um culpado devemos sempre nos atentar para a ascendência do sistema sobre o cidadão comum. Isso não significa relevar sua responsabilidade, mas que em cada caso há que se averiguar quais possibilidades de ação ocorreriam levando-se em consideração a desvantagem inerente a essa correlação de forças. A influência do sistema é tal que certos casos somente podem ser analisados dada a correlação às vezes não declarada. A conclusão de modo algum significa omissão ou isenção de responsabilidades, mas sim uma análise coerente com uma época em que o sistema é tão abstrato e implacável que nos cerceia e conduz covardemente nossas ações.

O segundo ponto diz respeito à _falta de informação ou dificuldade de acesso à informação_ , ou seja, o quanto nossa possível culpabilidade pode ser reconsiderada levando-se em conta que o sistema privilegia a competição. Nesse sentido, a informação que adquiro me serve, me orienta, isso é o bastante. Transmitir a informação vai além de nossas possibilidades e desejos, precisamos nos armar. Não está no estímulo sistêmico uma transferência aberta e irrestrita, não por desonestidade, mas por finalidade. Simplesmente porque não é do nosso feitio, é avesso às regras do jogo.

Assim sendo, os dois pontos concatenados, o primeiro proveniente de um marxismo embrionário e o segundo de uma vertente que privilegia liberdades individuais, sugerem que nossa abordagem ou julgamento de atitudes alheias deve estar bem embasado, deve se ajustar a cada situação.

A necessidade da filosofia - 10/07/2015

Meirieu defende que o aprendizado se dá em níveis de representação e gostaríamos de concordar com essa tese. Cada criança que chega à escola traz consigo certas noções de casa, da convivência familiar, etc., cada criança traz um nível de representação diferente das outras; é um olhar para o mundo e um conhecer o mundo individualmente e pessoalmente. A escola, então, procura fazer com que as crianças superem seu nível de representação e atinja outro, em teoria, superior, mais promissor: isso seria o aprendizado. Mais ainda,

cada criança tem um ritmo de aprendizagem próprio que é único e diferente das demais.

Esse processo de aprendizagem por representações remete à proposta de Khun sobre os paradigmas da ciência: em certos momentos acontecem saltos que estabelecem um outro conjunto de proposições diferentes do anterior, existem rupturas aí. Parece que há uma irracionalidade operando por trás do salto, afinal é um salto. É diferente, por exemplo, do modelo de educação bancária, onde a criança se torna um depósito de conhecimentos, mas que vai se dando por acréscimos, de forma mais plástica e contínua. Esse último quantitativo e o primeiro qualitativo: como um quebra cabeças, cada peça nova vai configurando o quadro, ele vai aparecendo. No primeiro há um estalo, é quando retiramos a travé que estava nos olhos e enxergamos com clareza.

A qualidade se evidencia dada a dificuldade e o dispêndio de tempo necessários para subir um degrau, até porque não se tem muita certeza se o degrau novo foi atingido em parte ou inteiramente: não dá para ser certificado, apenas podemos ter indicações de que a direção é a correta. A transmissão de conteúdos permite medir, a intenção é outra e pode ser aplicada em algumas situações. Podemos apontar para uma possível utilidade dessa transmissão mais pragmática em detrimento da capacidade crítica que se daria pela nova representação.

Diferentes representações, diferentes ritmos de aprendizagem, impossibilidade de verificação do conhecimento: características que retiramos desse método pedagógico. Abordagem construtivista sem receita, prática desafiadora. Por outro lado, sabemos que não há uma filosofia, mas uma para cada filósofo, sabemos que há diversas correntes filosóficas que abordam determinados problemas e agregam soluções dentro de um mesmo plano de imanência. Não há acordo sobre qual utilidade da filosofia ou de cada filosofia, os debates se multiplicam sobre os métodos pedagógicos de ensino de filosofia. Não há consenso nem mesmo sobre o que é a filosofia. Diante disso, dessa amplitude da filosofia e das peculiaridades das representações individuais, podemos fazer uma aproximação dessas e daquela. A filosofia como forma do conteúdo representativo, como orientação que permite a abrangência necessária ao material prático. Seria através de uma orientação filosófica que se poderia chegar ao método prático construtivista porque haveria sempre um questionamento capaz de reorientar as rotas. A multiplicidade de abordagens filosóficas que se dirigem a resolver problemas de forma sistemática, investigativa, crítica e reflexiva é a pedra de toque do método. Não se parte de um pressuposto único e avaliativo, não se formula perguntas a partir de respostas, mas se constroem pensamentos e soluções, sem saber de antemão aonde se vai chegar. Suprime-se a competição, retira-se a finalidade para ir em

busca de uma simples busca construtiva. Cada passo fecha e abre o campo de investigação, há várias direções que levam a diferentes representações. Nortear cada consciência nessa investigação, apresentar outras concepções surpreendentes, questionar, subverter conceitos e dogmas estabelecidos, enfim, quebrar paradigmas e estabelecer relações, ansiar sempre por um novo patamar de compressão transformar possibilidades em atitudes e resultados por um caminho consistente que tragam estalos, para tudo começar novamente. Essa necessidade é filosófica e pedagógica.

A Morte - 27/06/2015

Estejamos tranquilos: ha sempre um novo saber, ha sempre coisas a fazer. Nao precisamos ter pressa, nem tanta calma... O dia a dia e um fazer enquanto seja possivel (ou permitido). É um conhecer o que for possivel. Esses atos, fazer e conhecer, sao atos que acontecem agora, e sempre agora.

Por outro lado, ha uma potencia no futuro, mas uma potencia totalmente desconhecida. Gostaríamos de delimitar um campo de ação que supere a morte. É possível? Um agora um pouquinho para a frente e um pouquinho tras. Viver em pequenos ciclos fechados, viver por bolas. Começa ali atras, vai ascendendo e termina logo na frente, para começar de novo.

Sempre ha um novo começo porque sempre ha um novo saber e um novo conhecer. Estejamos tranquilos com o agora.

A Filosofia como objeto - 19/06/2015

Pobre Filosofia, colocada na balança dos homens, anjo caído. Não foi essa a filosofia que conheci. Eu conheci uma filosofia de libertação, de inversão. A filosofia que conheci invertia o real. Que bela!

Me enamorei daquela filosofia porque ela não me cobrava nada. Conheci uma filosofia que me enfeitiçou e, tão enfeitiçado fiquei, que fui além, fui ver o que havia do outro lado. E qual não foi meu susto? Do outro lado havia gente, gente desamparada.

Ah filosofia... Isto você não havia me dito! Ou eu que fui inocente? Você se entrega para poucos, mas me seduziu! Eu pensei que poderíamos ficar somente nós dois, vivendo um amor eterno. Imaginei que conseguiria me esconder do mundo, escondido atrás de ti.

Mas, de tanto querê-la, dei mais um passo: passo fatal. Porque descobri que você me traia, me iludia. Ao não me deixar ver o mundo, você não me deixava que te mostrasse ao mundo. Mundo que poderia e vive sem você. Mas você vem desse mundo. Há uma boca que fala de você, há um fluxo que jorra você. Há uma mão de carne e osso que te escreve. E eu não queria ver tudo isso. Eu estava coberto pelo véu de maia. Assim, fui indo, andando ao Deus dará, procurando... Doce filosofia, enfim, você me libertou. Porque você não é de ninguém, você é só de você mesma, você se acaba em si mesma. Você é redonda, não sabemos nem por onde começar a te conhecer, quanto mais se um dia terminaremos.

Quando o encanto se quebrou descobri um mundo ansioso, carente, potencialmente infinito. E triste, doloroso, injusto. A composição material, nossa e desse mundo, é muito falha. Cada corpo se perde num em si e clama um para si. Cada corpo é um polo objetivo incapaz. Ele atrai, mas não quer ser traído.

Caminhando nas ruas esbarramos em corpos, trombamos com corpos, chutamos corpos. A rua é uma coleção de corpos mutilados, corpos que flanam ao sabor do vento. Aquele ventinho batendo na folha seca que resiste. A rua é um amontoado de tristeza incerta. Quanto sofrimento pelas ruas! Quanta desilusão. Não filosofia, você não é Deus, você não é santa, você vem dos homens. Mas você é o outro lado da locomotiva, é o lado de fora, é o verde das matas e dos morros, é o azul do céu, é o amarelo do sol. É o branco do meu olho cego. Aonde essa porta vai me levar? Posso abrir? Devo abrir?

Aula conceito: Metafísica.* - 18/06/2015

** 1. ****Tema: A reflexão no dia a dia**

Com o crescimento da tecnologia e dos meios de comunicação, nossa vida está cada dia mais corrida, cheia de regras e convenções. Tudo tem horário e tem que ser calculado, tudo tem que ter utilidade. Temos muitas obrigações e

compromissos. Temos que trabalhar, temos que ir à escola, temos que ir para a faculdade, pegar ônibus, pagar as contas, cuidar dos filhos.

Nessa correria do dia a dia, não paramos muito para pensar na nossa vida e no mundo, só pensamos no que acontece à nossa volta, mas não refletimos sobre essas coisas. Assim, só percebemos a realidade _aparentemente_ porque não temos tempo, nem disposição para entendermos o que está por trás das coisas.

2. **Problematização: Dá para ir além das aparências?**

Mas, precisamos refletir sobre o que está por trás da realidade? Por quê? Por que não basta apenas fazer as nossas atividades do dia a dia e que temos que fazer?

Refletir ajuda a pensar. Quanto mais pensamos, mais podemos descobrir novas coisas, podemos ir além.

Muitas vezes, nos deparamos com problemas que não sabemos como resolver. Se fizermos o básico e não refletirmos sobre o mais difícil, ficaremos sempre fazendo o básico. Quando tentamos buscar explicações, caímos em dificuldades, mas, se as dificuldades forem superadas, poderemos descobrir novas coisas. Podemos buscar explicações mais profundas e mais detalhadas.

Por exemplo, por que estamos aqui, agora, assistindo aula? Por que isso é necessário para conseguirmos passar de ano? Por que estamos interessados em aprender mais? Por que aprendendo mais podemos descobrir novas coisas? Qual a causa, o que está por trás disso?

Realizamos nossas atividades e ações porque somos motivados por determinadas causas, mas muitas vezes não paramos para pensar quais são essas causas. Não percebemos o que está por trás das coisas. Não buscamos explicações. Quando agimos dessa forma, somos pragmáticos. Daria para ser de outra forma?

De acordo com Aristóteles, sim. Podemos parar para pensar e refletir sobre o que está além da nossa vista e pensar porque na nossa vida os acontecimentos são de um jeito ou de outro.

3. **Investigação: A metafísica – Surgimento**[1]****

A filosofia grega elaborou conceitos para instrumentalizar a razão no esforço de compreensão do real. Entre as diversas e importantes contribuições do pensamento grego, destaca-se o caminho percorrido por Parmênides, Platão e Aristóteles na busca dos conceitos que explicassem o ser em geral e que hoje reconhecemos como sendo o assunto tratado pela parte da filosofia denominada metafísica.

O termo metafísica surgiu no século 1 a.C., quando Andronico de Rodes, ao classificar as obras de Aristóteles, colocou a Filosofia primeira depois das obras de Física, Meta Física, ou seja, "depois da Física". De qualquer forma, nada impediу que esse "depois", puramente espacial, fosse considerado "além", no sentido de tratar de assuntos que transcendem a física, que estão além dela porque ultrapassam as questões postas a partir do conhecimento do mundo sensível. A filosofia primeira não é primeira na ordem no conhecer, já que partimos do conhecimento sensível, mas a que busca as causas mais universais (e, portanto, as mais distantes dos sentidos) e que são as mais fundamentais na ordem real.

A metafísica trata da parte nuclear da filosofia, onde se estuda "o ser enquanto ser, isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares". É a metafísica que fornece a todas as outras ciências o fundamento comum, o objeto ao qual todas se referem e os princípios dos quais dependem. Ou seja, todas as ciências referem-se continuamente ao ser e aos diversos conceitos ligados diretamente a ele, tais como quantidade, oposição, diferença, gênero, espécie, todo, parte, perfeição, unidade, necessidade, possibilidade, realidade etc. Mas nenhuma ciência examina tais conceitos, portanto consideramos que o objeto da metafísica consiste em examinar o ser e suas propriedades.

Assim, o ser da matemática são os números, as figuras geométricas, etc., o ser da física são os fenômenos que ocorrem na natureza, o ser da medicina são os corpos humanos, o ser da biologia são os animais e os seres naturais e o ser da metafísica é o ser enquanto ser, o ser enquanto ser existente. Busca a essência do ser que existe, por exemplo, o que é o corpo humano, qual a sua essência? O número 5 existe na natureza? Qual a diferença do homem e do animal?[2]

4. **Questões e comentários**

Nome:

No.

****Turma:****

1. De acordo com o texto, no surgimento do conceito da metafísica, quais das opções abaixo _não_ seriam suas tarefas?

- (a) Buscar as causas mais universais e que são as mais fundamentais na ordem real.
- (b) Buscar as descrições particulares dos seres.
- (c) Buscar os conceitos que explicam o ser em geral.
- (d) Buscar a descrição do sensível, das características básicas dos serem que estão no mundo real.
- (e) Buscar os fundamentos comuns que seriam utilizados por todas as outras ciências que se referem os seres do mundo real.

2. A metafísica inventada por Aristóteles busca ir além da física. A física explica os fenômenos que vemos na natureza, a metafísica busca explicações mais gerais sobre os seres, busca a reflexão. Você acha que refletindo podemos ir além das aparências? Você acha que buscando explicações podemos descobrir novas coisas?

3. Qual o grau de dificuldade de 1 (fácil) até 5 (difícil) dessa atividade? Comente porque foi fácil ou difícil.

4. O que você achou dessa atividade? Foi possível aprender o conceito de metafísica de Aristóteles e entender o que ela estuda diferente das outras ciências?

* * *

[[1]](file:///C:/Users/LIVIA%20RIBEIRO/Downloads/20150616-atividade%20did%C3%A1tica%20-%20reflex%C3%A3o%20sobre%20a%20metaf%C3%ADsica.docx#_ftnref1)
O texto base da Metafísica foi extraído do livro: ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *Filosofando, Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

[[2]](file:///C:/Users/LIVIA%20RIBEIRO/Downloads/20150616-atividade%20did%C3%A1tica%20-%20reflex%C3%A3o%20sobre%20a%20metaf%C3%ADsica.docx#_ftnref2)
CHAUI, Marilena. *Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

* Regência da disciplina Metodologia de Ensino em Filosofia – Junho/2015. Procurar seguir orientações de Silvio Gallo da Oficina de Conceitos: Sensibilização, Problematização, Investigação e Conceituação.

\- Essa proposta de aula com sensibilização só foi possível após orientações do prof. Paulo Henrique Fernandes Silveira.

Dificuldades - 23/05/2015

De vez em quando existe uma dificuldade no pano de fundo de todas as coisas e situações; existe um cansaço, uma preguiça, uma falta de aderencia a realidade. A realidade sempre nos cobra algo, senao ela nos convida, nos chama para alguma realização. Esse estar-vivendo-sempre-tendo-que-fazer-alguma-coisa cria dificuldades. As situações e exigencias sao diferentes ante cada cenário que se apresenta. Manter um discurso coerente ou se ater a alguma linha sempre promissora nos poe em dificuldades. É preciso articular um discurso, e preciso criar confiança: confiar e gerar confiança. Talvez, assim, o mundo responda. As dificuldades nao se explicam facilmente. Algumas sao criadas por nos, voluntariamente. Atribuimos valor a certas coisas, as vezes, muito mais pela criação de uma zona de conforto que prometa vida longa. Mas, nessa zona de conforto, nao ha critica. Ai surge um conflito: a dificuldade que aparece na zona de conforto tambem aparece na ação, na abertura para o novo. Sempre ha um

novo, embora queiramos transforma-lo ou trata-lo como velho. O velho esta no nosso estoque, e familiar. O velho e companheiro, mas o velho nao cansa? Dificuldades... Viver nao e facil. O que e facil? O que e facilidade? A facilidade e pejorativa ou pode ser boa? Afinal, queremos facilidade ou dificuldades? Queremos dificuldades boas ou ruins. Ha altos e baixos e as dificuldades sempre a elas se agregam. No momento em que elas aparecem precisamos ser fortes. Conciliar realidade com dificuldade: se a realidade for muito dificil, temos que facilitar, se a dificuldade for muito real, temos que encarar.

Ciência do pensamento - 22/05/2015

Somos a espécie racional, característica que nos diferencia dos animais e dos demais seres que conhecemos no planeta. Trocando em miúdos: ser racional significa que raciocinamos, ou seja, pensamos e sabemos que pensamos, pensamos e refletimos, pensamos e calculamos. O pensar é o ato que nos dá autonomia, nos leva a tomar decisões; é pensando que sobrevivemos, sabemos que precisamos comer, como os animais; é pensando que nos relacionamos usando a linguagem; e é pensando que fazemos ciência. As ciências se utilizam do pensamento para resolver seus problemas e se desenvolver, o pensamento é o meio através do qual a teria se formula e se expressa. Para algumas ciências o pensamento é objeto, como a neurologia com o pensamento sendo mais objeto físico ou a psicologia, que vê o pensamento como objeto psíquico, mas ambas tem como pano de fundo alguém, um sujeito, seja ele corpo ou seja ele agente. Para a filosofia, o pensamento também é objeto, mas objeto desconectado, objeto em si mesmo, abstratamente separado de um corpo e universalmente separado de um sujeito: o que vale para um pensamento enquanto objeto filosófico, vale para todo e qualquer pensamento aqui e acolá, enquanto aquela hipótese for verdadeira ou tomada como verdade.

Tratar a filosofia como ciência do pensamento objetivado em si, separado, poderia levá-la a ser considerada uma ciência do vazio ou com menor utilidade? Não acreditamos. Porque tudo o que fazemos, fazemos pensando. Há um pensamento que resolve um problema de matemática. Ok. Não paramos para pensar nesse pensamento porque as idéias matemáticas já nos são dadas como imutáveis e verdadeiras. Mas o pensamento que aí opera é o lógico, ele é condição de possibilidade para o acordo intersubjetivo entre eu e você, nós que concordamos que dois mais dois é igual a quatro. Há um pensamento que conhece o mundo: sabemos que o pão é de comer e a terra é para plantar, mas não paramos para pensar nisso; aí está a teoria do conhecimento. Se a pintura, o quadro é belo, aí mora um pensamento prazeroso, que não analisamos pelo viés estético filosófico. Ou a crítica política, etc. Há sempre um pensamento lá.

A possibilidade de reflexão sobre coisas, sobre nós mesmos, uma desconstrução da realidade apontando para um horizonte novo que se abre, aí está uma atividade filosófica que se aproveita do pensamento revelador que emancipa. Precisa do discurso racional? Precisa sim. Tanto lá como aqui, não há objeto determinado e a ideia (o conceito) se desenrola por meio de uma argumentação coerente. Tem regra? Acreditamos que não. Acreditamos que a premissa é a coerência interna, tem que ser plausível, deve haver início, meio e fim, não precisa ser longo e pode representar uma ideia (conceito). Por exemplo, a frase: "Quem tem tudo não tem nada." pode ser filosófica, é uma frase que tem coerência interna, permite refletirmos logicamente que quem tem tudo não tem mais nada, porque já tem tudo, para quem tem tudo o resto é um nada e aí o que fazer com tudo? É uma frase vazia, solta e sem sentido? Não, não é. Ela permite verificar e concluir que qualquer ideia de totalidade não permite o diálogo e acaba por se encerrar em si mesma. Querer mais um pouco é bom? Talvez, mas pode ser perigoso. E querer menos? Tende ao nada. Equilíbrio! Deve ser esse conceito para o qual aquela frase remete. Na minha leitura daquela frase, esta é minha filosofia, a manifestação do meu pensamento. Para você essa frase pode significar outra coisa ou não significar nada. É o seu modo de pensar sua filosofia. E assim as suas ideias sobre tudo o que está por aí vão se associando e se moldando, formando um discurso coerente e que emancipa. Sem o exercício filosófico, agimos e pensamos naturalmente, com naturalidade. Com o exercício filosófico, pensando no que se pensa, a ciência do pensamento expressa um significado e uma leitura que pode me mudar, que pode te mudar, nos mudar. Vai que rola...

Breve comentário sobre a religião - 19/05/2015

É muito comum uma tese dos ateistas de que Deus é um produto do homem. Nos teríamos criado Deus para nossa própria redenção, dando sentido e objetividade a fragilidade de nossa vida. Por outro lado, não explicamos Deus. A própria filosofia já se aventurou por essas terras desconhecidas: Aristoteles inventou a metafísica e Kant a sepultou. Se a metafísica nasceu como filosofia primeira, que trataria das coisas que viriam primeiro (como relação de causa e efeito) ou das coisas mais importantes, para além da física, Kant nos mostrou que ela estaria no nível da coisa em si, coisas que não podem ser acessadas por nós no domínio do conhecimento. Ate haveria espaço para especulação, mas não haveria confirmação prática. Todo esforço antigo, medieval e moderno, não iluminou as profundezas do além secular, e Kant atestou: deixemos para a fé. De um lado, conjecturas e crenças, de outro, explicação racional ou vida sem explicação.

Mas, poderíamos nos abster de explicação? Muito difícil. Em nossos mais profundos devaneios nos perguntamos sobre a origem disso tudo. E a tese dos ateistas é uma falácia porque tudo que temos é inventado, toda a ciência e conhecimento humano é inventado, essa argumentação é circular e cai em petição de princípio porque a tese é inventada ela mesma. Não há conhecimento no domínio do homem que não provém do próprio homem. E, se há algo exterior ao homem, esse algo só pode ser admitido e não explicado. Assim, admitimos que não há explicação racional, somente fé.

Objeto da fenomenologia: a consciência intencional do sujeito constituída de vivências* - 17/05/2015

Husserl acentuava o processo intencional através do qual o sujeito se voltaria para si mesmo, fazendo aparecer a estrutura intencional da sua consciência, com o foco nesse processo interno. Através de um esforço reflexivo, objetivando as estruturas internas da consciência, seria deixado de lado o que normalmente aparece, visando fazer aparecer o que não aparece: as vivências. Seriam deixados de lado os objetos intencionais que estão no mundo porque eles não seriam interiores à consciência, eles apareceriam: seriam os polos aos quais a consciência se dirigiria. Eles nem mesmo seriam necessários para as vivências aparecerem, poderiam ser visados objetos inexistentes ou objetos irreais, resultados de conjecturas. A fenomenologia deveria fazer aparecer as vivências, torná-las objeto, através da descrição eidética da imanência psíquica, da região ontológica interior da consciência, de sua essência noética.

As vivências seriam constituídas de sensações e apreensões objetivantes. As sensações seriam o material inerte da consciência, elas seriam vividas, não intencionais e não apareceriam. As apreensões objetivantes seriam os atos intencionais que fariam aparecer os objetos. Então, o vivenciar seria um mecanismo que não aparece, a partir de sensações que não percebemos, mas que são sensações de algo e que são animadas pelas apreensões que direcionam a consciência rumo aos objetos, em um esquema de conteúdo-apreensão. Ou seja, o material sensível inerte é animado por um ato mental que então constitui a referência intencional ao objeto visado.

Husserl atribuía ao sujeito o poder de constituir o sentido objetivo do correlato visado através desse processo reflexivo e interior. Somente por meio do interior os objetos do mundo receberiam sentido ativamente, mas, embora

esse real não estivesse reduzido ao interior do sujeito, ele só se manifestaria pela atividade (imperceptível) do sujeito. As emoções também seriam manifestadas por meio da intencionalidade, como atos complexos: uma tomada de posição afetiva seria construída sobre uma apresentação prévia do objeto, supondo um ato objetivante prévio.

* Notas de aula de História da Filosofia Contemporânea, professor Marcus Sacrini.

Do buraco a filosofia saiu e no buraco ela ficou - 09/05/2015

Eu era eu há 5 anos atrás, mas eu era, digamos, descontente. Não posso explicar exatamente o motivo daquele descontentamento, mas faltava algo. Eu não sabia o que faltava, mas resolvi buscar alguma coisa: a filosofia. Hoje, com a filosofia, não me parece que falte algo, embora eu não saiba o que eu busco. A falta é um buraco que nos é imposto e que nos incomoda. A busca é um buraco que criamos e que nos incomoda. O buraco da falta nos invade e nos inibe. O buraco da busca nos move. O buraco está lá, é o mesmo, sempre teremos que lidar com ele. Por mais areia que coloquemos dentro dele, nunca vamos cobri-lo. Por mais que o cavemos, nunca encontraremos o fundo.

Podemos cair dentro do buraco e sermos engolidos por ele, sem conseguir sair. Por mais que tentemos, escorregamos. Quanto mais força, menos energia. A ansiedade de sair do buraco nos torna incrédulos, o tempo passa e o buraco continua. E, nós, dentro do buraco. Então percebemos os mais sórdidos detalhes do buraco, percebemos que ele nos esquenta quando está calor e nos esfria quando está frio. Percebemos que quanto mais luz queremos, mais escuro ele fica. E quando vem a água... Vindo em grande quantidade, maior o buraco fica e nós a girar com a água dentro do buraco. Ficamos tontos. Vindo pouca água, ela vem pouca porque temos sede. A água se mistura com a terra e fica suja, não mata a nossa sede. E o buraco está ali para nos proteger dos outros. Temos medo dos outros e nos escondemos dentro do buraco. Se nos chamam, não temos para onde correr, cavamos, cavamos, cavamos!! Cavamos... Não tem jeito, vão nos achar.

Mas, se vão nos achar, porque não os chamamos, então? Venham todos, por favor, comigo para dentro do buraco! Podemos, juntos, lutar contra as adversidades... Hum. Bobagem minha. Eles não têm tempo, ninguém tem tempo de lutar com os outros pelas adversidades deles. Mas é só isso: uma questão de tempo, nada mais. E o tempo, hoje, é precioso. Por isso entendemos porque eles não vêm. Tudo bem, tudo bem. Não nos resta saída, o buraco está em nós e nós estamos no buraco. Então, entremos dentro dele. Cultivemos o buraco.

Abandonemos o buraco da falta pelo buraco da busca. Buraco por buraco, que ele seja nosso. Criemos o buraco a nosso modo e, se preciso for, a revelia dos outros. Criemos um buraco, não para preenchê-lo, nem para aumentá-lo, criemos nosso buraco para deixá-lo ali, conosco. Ele é nosso buraco e de mais ninguém. É o buraco mais importante que tem porque é nosso e precisa ser cultivado, e mesmo cultuado, a nosso modo. Quem quiser pode se emburacar, não paga nada. Mas não há um compromisso, fiquem à vontade.

Buraco, buraquinho, buracão. Grande ou pequeno, limpo ou sujo: é o meu buraco. Não é onde me esconde, é onde me crio. É o meu buraco.

Distanciamento e intimidade com o mundo* - 06/05/2015

Por que filósofo? Conforme Giannotti, o que busca o filósofo é um exercício de distanciamento e intimidade como o mundo, porque o filósofo visa o mundo, mas pelo olhar de outro filósofo. Quando o filósofo lê, consome uma filosofia, ele não a destrói, mas a perpetua; é de uma ideia, de uma filosofia que surgem novas ideias e novas filosofias. Ao mesmo tempo em que é um exercício autônomo é também dependente, porque é um exercício de transformação. Meio ao modo da noção de história hegeliana é a história de um espírito que se desenrola no tempo, não um espírito absoluto, mas um espírito encarnado que está no mundo em interação com outros pensantes. Assim é o professor quando leciona e cria: da atividade surgem novos pensamentos.

O exercício autônomo do livre pensar, mas dependente de outras leituras porque intermediando o acesso ao mundo que afasta e aproxima, esse exercício, assim colocado por Giannotti, é científico porque, segundo ele, apresenta um resultado objetivado. Nesse sentido, permite a análise por outra subjetividade que também o objetiva, apresentando esse caráter de perpetuação. E, mais do que nunca, hoje o filósofo é financiado pelo Estado. O filósofo acadêmico, ao mesmo tempo em que é funcionário do Estado com disciplinas e obrigações, ainda mantém certo caráter subversivo, mas muito mais reflexivo. E a ele muito se associa a imagem do professor aposentado, como o legislador de Rousseau - aquele que "ilumina" o povo, como o escritor proposto por Sartre - aquele que, de dentro da academia e dentro dos círculos cultos pode fazer a reflexão. Mas, menos do que nunca, independentemente, porque compromissado com os deveres que a produção dos ethos acadêmico exige.

Mas se a filosofia é o exercício da reflexão, Giannotti conclui o artigo indicando que o filósofo não deve se satisfazer apenas com o discurso: é

preciso interação, diálogo, é preciso se aproximar da prática. É estimulando aquele movimento de intimidade e distanciamento nos outros que o filósofo poder se libertar e escapar da mão forte do Estado que o financia. É preciso ir a fundo à reflexão exatamente para se verificar até que ponto existe essa interferência ou não. A própria ciência, que se autoproclama neutra e autônoma, se vê às voltas de um exercício teórico e quase apartado da realidade, quase estéril no que tange a grandes inovações. O filósofo precisa ir além desses efeitos aparentes dados pela lógica competitiva do mercado onde é necessário produzir, do capital financeiro que estabelece prioridades e da mão paterna do Estado que afaga, mas submete. A consciência que o filósofo deve apresentar, segundo Giannotti, pode aparecer no uso de suas palavras e nas consequências que ele pode trazer aos jovens, ao mesmo tempo em que pode se difundir pela sociedade de modo que suas reflexões diminuam as diferenças entre filósofos e não filósofos.

* Resenha – texto “Por que filósofo?” – José Arthur Giannotti

Aula de Didática* - 01/05/2015

Conforme Perrenoud, podemos verificar três tipos de currículos escolares: 1.) currículo formal: aquele que está documentado, que dita o que será lecionado (ou não) e como; 2.) currículo real: do que está documentado, o que de fato acontece na prática, desvios de planejamento, etc.; 3.) currículo oculto: o que é aprendido/apreendido pelos alunos mas que não é explicitado, documentado, por exemplo, que na escola há um hierarquia, que tem que usar uniforme e isso se parece com o uniforme que será utilizado nas fábricas, que na festa junina da escola o caipira vira alvo de deboches e piadas e é desvalorizado sem ficar claro para os alunos, etc. Diálogo de aula:

Interlocutora 1 : Professora, mas a escola não tem que formar cidadãos conscientes e participativos? Na verdade, as pessoas não sabem se comportar em sociedade, esse não seria um papel da escola?

Interlocutora 2 : Entendo que isso é um problema de vivência de cada um, que nasce com a gente e vamos desenvolvendo durante toda a vida. Isso seria relativo ao âmbito familiar, os pais, primos, toda uma interação que se constrói e que nos molda. Imagine o fardo dos professores, além de ter que ensinar o conteúdo (ou vá lá..., que seja competências e habilidades) e ainda

ter que educar os alunos.

****Interlocutora 1** :** Mas as pessoas hoje não tem o mínimo de civilidade. Outro dia, eu estava na fila do bandejão e, de repente, entrou um monte de gente na minha frente, não pediram licença e acharam aquela atitude a coisa mais normal.

****Interlocutora 3** :** Na verdade, cidadãos conscientes e participativos devem pensar além: qual a situação dos funcionários que nos estão servindo no bandejão, faz quanto tempo que não tem aumento. Alguns moram em favela, outros são terceirizados e, ainda, tem muitos funcionários com LER (lesão de esforço repetitivo). Cidadãos conscientes e participativos não pensam somente neles mesmos, pensam além, além das suas próprias fronteiras pessoais e individuais.

****Interlocutor 4** :** Numa outra aula em que eu estava participando, a professora comentou a respeito da nossa atitude atual de sempre responder, nunca intervir. A gente não transforma mais o nosso espaço, só ficamos reclamando e não temos atitude.

****Interlocutor 5** :** O problema não é entrar na fila do bandejão comportadamente, o problema é saber porquê estamos fazendo aquilo. O que se ensina na sala de aula acontece sob uma relação de autoridade entre professor e alunos, não sabemos para que serve aquilo, mas temos que fazer.

****Interlocutora 1** :** Mas o que eu dizia sobre moralização, não quer dizer algo que se fazia na ditadura, é um mínimo que é necessário na vida real. Na escola onde faço estágio, na prática, não se consegue dar aula, teria que haver um mínimo de imposição ou de controle. Isso seria um currículo moral, ficaria escondido no currículo oculto ou deveria ser um artifício a ser acrescentado ao currículo formal?

****Eu** :** só ouvindo...

* as falas foram resumidas e estilizadas.

Investigação fenomenológica: as condições subjetivas do conhecimento em circunstâncias ideais* - 26/04/2015

Ao conclamar os filósofos para o movimento fenomenológico, Husserl constatava o estado de imperfeição teórica das ciências porque, apesar dos resultados técnicos por elas apresentados, faltaria clareza acerca dos seus fundamentos, acerca dos fundamentos sobre os quais a ciência operaria. Assim, seria preciso explicitar os pressupostos que legitimariam os conhecimentos científicos fundamentados: quais seriam esses pressupostos, seu alcance e sentido. Husserl, então, defenderia um projeto de fundamentação das ciências como explicitação dos pressupostos teóricos que garantiriam a científicidade do conhecimento, de modo que fosse possível evidenciá-los, clarificá-los, elucidá-los. De acordo com ele, haveriam dois tipos de pressupostos, de condições que garantiriam a legitimidade do conhecimento:

- Condições objetivas: seriam restrições conceituais, formas de inferência e sistematização de teses, formas das teorias possíveis e estariam sob o domínio da lógica, domínio formal de leis e princípios que visavam o respeito às regras e evitariam contradições.
- Condições subjetivas: seriam as restrições ao conhecimento referentes às capacidades de atestação da validade lógica, capacidades que permitiriam distinguir entre bons e maus raciocínios e reconheceriam com evidência as condições formais válidas.

Nesse projeto haveria uma divisão do trabalho entre matemáticos e filósofos. Com os primeiros ficaria a tarefa da lógica pura, que visava fundamentar as ciências do ponto de vista objetivo, tornando explícitos os pressupostos lógico-conceituais a que toda teoria científica deveria se submeter. Com os segundos ficaria a tarefa da fenomenologia, que visava fundamentar as ciências do ponto de vista subjetivo, tornando explícitas as possibilidades e os limites do sujeito cognoscente.

As condições subjetivas que deveriam ser investigadas pela fenomenologia não envolveriam circunstâncias empíricas, factuais, de vida subjetiva, mas deveria ser investigada a subjetividade em geral, o modo natural das essências. Interessaria explicitar a essência da subjetividade, os aspectos estruturais que definem, a priori, o que é uma subjetividade cognoscente em geral, distinguindo o noético: o geral, a ideia, do psicológico: instâncias do noético, casos da ideia. A fenomenologia até poderia partir de casos empíricos, mas através deles deveria buscar o invariante, o que permanece, a essência. No plano psicológico, poderiam ser observadas situações reais que o

sujeito percebe, o caso singular seria o ponto de partida no rumo do factual para o essencial. A essência seria a espécie, a unidade de vários casos: de um lado estaria o ente ideal, idêntico e de outro o real, temporal, as circunstâncias. Assim, a idealidade seria exemplificada em caos reais.

Para apreender a essência do sujeito seria necessário isolar as suas capacidades noéticas. A abstração da experiência empírica permitiria observar o invariante, separando o eu corporal empírico se isolaria a consciência, a unidade das vivências psíquicas, o eu fenomenológico. De um lado o eu empírico, o corpo físico, do outro o eu fenomenológico, o espiritual, psíquico, a sua essência. A fenomenologia estaria muito associada à psicologia, haveria apenas uma diferença de grau, essa última empírica e a primeira descritiva, investigando as características essências da experiência psíquica de modo isolado do contato empírico corporal com o mundo: um tipo de psicologia eidético-descritiva.

* notas de aula de História da Filosofia Contemporânea, prof. Marcus Sacrini.

Movimento Fenomenológico* - 24/04/2015

O movimento fenomenológico surge a partir de um chamado que Husserl fez para um trabalho coletivo dos filósofos, recuperando a ideia original de filosofia como ciência englobante e rigorosa. Ela deveria se basear no _critério geral de científicidade_ , qual seja: o reconhecimento **intersubjetivo** mínimo da **validade** de certos conteúdos teóricos e procedimentos metodológicos. Partindo de uma base consensual com métodos lógicos que pudessem ser reconstruídos, sua validade se daria por um acordo entre os pesquisadores e teria como consequência, a partir daquela base consensual, uma progressão colaborativa.

Quando a Filosofia segue o gênio, ela cria sistemas que são produzidos por uma só pessoa, sistemas quase religiosos que tendem a se isolar. De outra forma, o movimento fenomenológico deveria ser um chamado para as novas gerações, movimento colaborativo que desse ênfase em contribuições parciais para a construção interminável de um saber válido, em um trabalho cumulativo. Essa deveria ser a direção da filosofia, não como princípio, mas como um fim, um _telos_. E a fenomenologia cumpre esse critério porque tem como pressuposto a inesgotabilidade da experiência.

Sua metodologia parte da redução eidética (_eidos_ – essência) para a redução fenomenológica transcendental. Concepção à época extremamente nova e radical, a fenomenologia seria um método para tratar um núcleo de problemas transcendentais. Em sentido kantiano, a fenomenologia transcendental não se preocupa com os atributos sensíveis dos objetos, não descreve o mundo, mas o modo de acesso a eles. Voltando-se para as capacidades subjetivas, em detrimento do que a experiência nos dá, é a condição de possibilidade (a crítica) que é objeto de estudo: a constituição dos modos de acesso de apreender fenômenos, suspendendo o mundo, o dado real, a experiência. Assim, o **núcleo** dos problemas são as condições subjetivas de possibilidade do conhecimento e da experiência em geral e o **método** , a redução fenomenológica, é a suspensão da vigência do ser das coisas para tornar visível como constituímos o seu sentido a partir do aparecer fenomenal. A intuição permitiria mostrar como a experiência é possível através das condições que devem ser preenchidas para se atribuir ser às coisas.

A fenomenologia permitiria reduzir o ser ao fenômeno, suspendendo a objetividade do mundo. Seria possível explicitar o pressuposto do conhecimento objetivo através dos modos estruturais subjetivos de como é possível este conhecimento. Eis a radicalidade: suspender o ser pelo aparecer. Mas a redução não foi muito bem compreendida em sua época: Husserl propõe um programa de pesquisa fenomenológico, mas há resistência em relação a seus princípios básicos. Uma delas: Sartre.

\-----

* notas de aula de História da Filosofia Contemporânea, prof. Marcus Sacrini.

Bicho Homem - 18/04/2015

O ser que escreve essas linhas está estudando a fenomenologia de Husserl e a leitura que Sartre faz de tal filosofia. Embora **o ser que escreve essas linhas** às vezes pense que não tem capital cultural suficiente para entender de Filosofia (nem no geral, nem especificamente), **ele** sabe que tem o direito de escrever o que bem **lhe** der na telha, inclusive sobre Filosofia.

Ele, mal esclarecendo isso, tem a impressão de que, se a consciência é vazia conforme

Sartre procura demonstrar no seu "A transcendência do ego", o Homem é mais Bicho do que Homem, no que **ele** esclarece: o Homem é mais Animal do que Racional. Se o fluxo da consciência expulsa o ego para o mundo, fazendo dele ser transcendent, ele coloca a consciência irrefletida como principal polo de imanência. Nesse sentido, **ele** entende que essa tese dele faz com que cada ato factual coloque a consciência em uma relação imediata com o mundo, guiada pelo mundo naquele momento. Objetivamente, **o ser que escreve essas linhas** entende que o ser-no-mundo dele, aquele da situação, é mesmo, de fato, existencial. Mas **ele** admite que, nesse ponto, está fugindo do contexto e da evolução do pensamento sartreano que ainda não abordava o existencialismo. De qualquer forma, **ele** reforça que o fato, (a essência...), o mundo, etc., se revela ao ser de forma intensa, instantânea e inexorável, contra a consciência, atingindo-a. E atinge muito mais um animal que um racional.

E **ele** acrescenta que, com a visada atual de uma consciência reflexiva que tem como objeto a consciência refletida, que foi irrefletida, mas que agora tem a ela um EU agregado, muito mais do que antes, o Homem é mais Animal do que Racional, porque primeiro um animal visa o mundo (na consciência irrefletida) e depois visa a si mesmo (na consciência reflexiva), tornando-se racional. Ou seja, **ele** acredita que o Homem é muito mais Animal que Racional, porque se não há EU na consciência irrefletida (ou seja, há EU no mundo) e o EU só se verifica na consciência reflexiva, esse EU é passado. Esse EU é um objeto anterior, com muito menos força que aquele EU da consciência irrefletida, que é transcendent. Esse EU nem mesmo é transcendent, ele é inventado. Quando isso acontece, **ele** pensa que o EU atual depende do EU que passou e que é inventado. Por isso, o EU atual se guia pelas experiências do EU passado e, agora, conhecido. Essa reflexão da consciência coloca a consciência irrefletida em defasagem com o EU reflexivo, ela fica à frente dele e muito determinada pelas experiências dele. Portanto, ela está sempre um passo a frente dele. O ego transcendental está sempre a frente do ego inventado. O ego transcendental é a primeira pessoa do sujeito, mas totalmente atrelada ao mundo, como **ele** procurou mostrar no segundo parágrafo dessa reflexão. O EU que surge como agente já passou e o EU atual se fia nas experiências do ego inventado, por isso, muito mais determinado, mais dependente das experiências dele. Por isso, **ele** acredita (não **eu** que sou irrefletido, mas **ele** que é refletido na consciência reflexiva) que, nesse contexto de reflexão, o Homem é muito mais Animal que Racional.

Isso posto, o** ser que escreve essas linhas** entende que deve estudar mais a fenomenologia de Husserl e a leitura que Sartre faz dela, para tentar elucidar esse mistério. Por exemplo, em um outro viés, atribuindo muita liberdade quando a consciência irrefletida age na situação, sem reflexão.

Resenha das Orientações Curriculares para o Ensino Médio, ano 2006. - 15/04/2015

****Conhecimentos de Filosofia****

**

**

Documento proposto pelo Ministério de Educação para orientar a prática docente referente ao Ensino Médio e propor estratégias didáticas, além da abordagem da relação ensino-aprendizagem. Fruto da reflexão e do estudo de diversos atores da área de educação, em caráter multidisciplinar, o documento serve como guia curricular que ajude na organização do trabalho pedagógico. Essa resenha cobre os aspectos referentes aos conhecimentos de Filosofia, passando pela sua identidade, os objetivos da filosofia no Ensino Médio, seus conhecimentos, habilidades, conteúdo e metodologia.

Apesar da Filosofia ainda não ser obrigatória naquele momento, o documento aspirava a ela esse caráter em virtude de problemas de teor filosófico estar presentes nas pautas da sociedade, sejam referentes à ciência, tecnologia, ética e política, entre outros. A longa ausência da Filosofia no Ensino Médio, que ficou restrita a um conteúdo transversal, provoca um hiato de consolidação da disciplina, desde a formação de professores a procedimentos pedagógicos e recursos materiais e sem que seja refletido seu papel formador e específico direcionado a esse nível de escolaridade. Revisando os PCN anteriores, evitam-se nesse documento imposições doutrinárias ao mesmo tempo em que deixa o professor livre para defender suas posições e orientação filosófica, obviamente sem sufocar os alunos. Orientando-se por um novo quadro institucional da disciplina em que os cursos de graduação e os profissionais habilitados são submetidos à avaliação institucional que não distingue bacharelado e licenciatura, além da portaria da licenciatura com elevadas horas curriculares, o documento sintetiza os mais variados aspectos que tangem ao ensino de filosofia no Ensino Médio.

****Identidade da Filosofia.**** O documento inicia com o questionamento a cerca da natureza da Filosofia para correlacioná-la com o exercício da cidadania. Buscando fazer uma “limpeza de terreno”, explicita-se que não há uma filosofia, mas uma multiplicidade de perspectivas e possibilidades e um pensar filosófico – esse sim deve ser unívoco. Assim, o agente que filosofa, parte de uma orientação filosófica com a qual ele se identifica, na qual ele acredita que é aquela que produz bons resultados e é aderente às suas convicções. A Filosofia é a ciência do questionamento e da reflexão. Nesse sentido, é uma

ciência que não é tradicional, como as ciências tradicionais que se orientam pelos objetos exteriores, mas visa analisar a forma como os objetos nos são dados. Como pensamos os objetos, seja em seu sentido lógico, crítico, como condição de conhecimento, seja a visão que temos dos objetos, que pode ser uma visão parcial e, então, voltada para uma crítica social e ideológica. Porém, conforme regula a legislação, a Filosofia não deve se restringir à cidadania, porque essa orientação é geral para o Ensino Médio como um todo em suas disciplinas. A filosofia não se restringe ao papel crítico e humano, mas, enquanto possibilidade de criação de conceitos, de capacidades intelectuais de fala, leitura e escrita, articulando a compreensão de textos e a reflexão racional e embasada sobre temas contemporâneos com sua rica história que se confunde com a própria Filosofia, com a própria história do pensamento.

****Objetivos da Filosofia no Ensino Médio.**** Com um foco diferenciado, a Filosofia deve se ater menos ao ensino de conteúdos do que à capacidade de aquisição de conhecimentos, de modo que o aluno aprenda a refletir sobre si e as informações que lhes são oferecidas, assim formando um conhecimento mais duradouro, rico e diversificado. Aliado ao conhecimento intelectual a Filosofia também se vale da formação crítica e não somente técnica, que possibilita aquisição de competências comunicativas e argumentativas e que aponta em direção à emancipação e autonomia do sujeito.

****Competências e habilidades em Filosofia.**** Defende-se, não uma competência que prepare para o mercado de trabalho, mas competências que permitam analisar um problema sobre diferentes aspectos ou mesmo fazer uma aprofundamento das questões que o problema levanta. Associada novamente à cidadania no que diz respeito às competências comunicativas e cívicas, “é a contribuição mais importante da Filosofia: fazer o estudante aceder a uma competência discursivo-filosófica” (OCN 2006, p. 30). Qual seja: capacidade racional de argumentação para concordar ou não com pontos de vistas que permitam uma autonomia e exercício da cidadania, aliada à capacidade de reflexão. E, valendo-se da tradição, que o aluno se aposse de conteúdos provenientes da história da filosofia, pois, sem ela, não se filosofa.

****Conteúdos de Filosofia.**** O documento propõe uma lista de temas que perpassa a história da filosofia, de acordo com o currículo mínimo de um curso de graduação. A proposta é trabalhar o conceito ao invés de um amontoado de ideias a serem decoradas, ao modo do saber enciclopédico.

****Metodologia.**** Usar o texto histórico e trabalhá-lo sob uma perspectiva filosófica, evitando-se cair na doutrinação e promovendo o embasamento e o método de investigação filosófica. Nesse contexto, valoriza-se o professor formado em filosofia que dê conta da especificidade do seu conteúdo histórico

e seja capaz de confrontá-lo com temas atuais, para promover a reflexão dos alunos que estão no nível médio do ensino. Dessa forma, a Filosofia pode atuarativamente na formação do jovem e conversar com as demais disciplinas, recuperando a sua excelência e importância no Ensino Médio.

Infinito - 11/04/2015

Eu costumo dizer que há mais pensamentos que estrelas no céu. Se hoje somos 6, 7 bilhões de pessoas no planeta, todos pensando o tempo todo, fica fácil imaginar o resultado da conta. Claro que não podemos menosprezar o _big bang_ \- imaginamos o universo ainda em expansão, mas as grandezas vão por aí, para essa casa de aproximação.

Dessa quantidade, quantos bons pensamentos existem? Quantos originais, radicais, criativos? O mundo é uma máquina de produção de conhecimento, tanto conhecimento sobre coisas exteriores, quanto pensamentos puros, conhecimentos em si, sem objetos. Para cada ideia que temos, impossível imaginar quantas divergências, quantos pontos de vista diferentes pode haver. Aí está a beleza, não somos o último "bis da caixinha", apesar de sermos únicos, cada um de nós. Cada um é formado por uma combinação exorbitante de átomos, moléculas, neurônios, cromossomos que são vivos e estão em constante mutação.

Essa riqueza tem que ser possível para todos, ou melhor, tem que ser acessível para todos. O conhecimento é interminável. Quantos grandes filósofos e cientistas existiram em todos os tempos? Quantos grandes pensadores, escritores? Somos seres racionais e prezamos isso. Uma grande ideia ilumina, é mística, transforma. Aprender: sempre nós iremos.

Se o conhecimento, assim como o universo, é interminável, a vida também é interminável. Mas a vida é interminável porque tem fim. Se a vida não tivesse um final, não teria problema, teríamos tempo. Mas a vida acaba, morrendo um dia, ela se torna interminável porque algo vai se romper um dia. Algo ficará por acabar, não terminará, algo ficará interminável. E todo mundo que morre,

morre pensando. Esta é nossa característica, uma das mais marcantes. Pensar. E aprender a pensar, diversificar. A democracia, bonita palavra, poderia não ser mais que isso: possibilidade de pensar, acesso ao conhecimento. Aprender! Nunca é tarde para começar, porque não sabemos quando vamos parar. Nem o bebê, nem a pequena criança sabem quando vão parar, por isso pensam. Se eles soubessem, não pensariam. Só pensamos porque a vida é interminável, só pensamos porque a vida tem fim. Há mais pensamentos que estrela nos céu.

Intuição e dedução - 07/04/2015

Parece que há uma oposição entre essas duas operações do pensamento. O que vamos fazer aqui é desenvolver uma reflexão típica de um filósofo de rua: sem nenhuma referência teórica assertiva ou rigorosa (embora à luz de Husserl). Apenas divagaremos um pouco sobre essas duas operações e em um futuro incerto retomamos com mais propriedade e embasamento. Concordemos que intuição e dedução são operações do pensamento e se referem a objetos. Porém, a dedução é lógica e a intuição é empírica (ou psicológica?). Nesse sentido, a dedução é um procedimento que tem um embasamento formal enquanto que a intuição é um procedimento que tem um embasamento material, concreto.

As regras da dedução são rígidas e podem ser aprendidas, de modo que sejam reconstruídas. A intuição não se atém a regras de sintaxe ou morfológicas, mas visa uma apreensão dos objetos. A dedução é uma forma a priori do pensamento puro, é como uma luva pronta para ser usada, basta lá encaixar os dedos. Não tem “pode ser assim ou assado”, existe um comportamento intelectual que adere àquelas regras que não podem ser violadas. A intuição é um contato direto com o objeto, que pode ser mediado ou imediato. As regras da intuição são regras de acesso ao mundo e aos objetos. São regras que podem ser direcionadas a objetos individuais, como esta caneta, objetos gerais, como uma caneta genérica ou objetos inexistentes, como um disco voador, por exemplo. Qual seja, intuímos essências, existências, fatos ou conjecturas. A dedução orienta as formulações que faremos com relação aos objetos, permitem proposições que podem ser compartilhadas intersubjetivamente. Mas a dedução é uma formalidade do juízo do eu, assim como a intuição é uma apreensão constitutiva do eu, do que se conclui que, de uma maneira ou de outra precisamos de ambas, seja para fazer ciência, arte ou filosofia, e tudo o mais. Muito embora haja um sentido intrínseco que as diferencia e que pode ser levado em consideração quando se quiser decidir sobre quais delas priorizar em nossas análises, sejam elas de fato ou de direito.

Ambas as operações mentais são conhecimentos, produzem conhecimentos, embora distintos: a intuição um conhecimento mais próximo do animal e a dedução um conhecimento humano. E parece que eles se complementam: forma e conteúdo. Uma lógica sem objetos versa sobre o vazio; intuição em si não é proposicional. A intuição em si está atrelada a uma sobrevivência animal, precisamos intuir, conhecer o alimento que vamos comer, intuir os animais que podem nos atacar e os perigos do mundo. A dedução é sobrevivência humana: precisamos formular os conhecimentos adquiridos, exteriorizar a outros, mais prioritariamente aos nossos. Assim, em nossa condição humana não vivemos, nem sobrevivemos sem tais operações mentais.

De todo modo há que se considerar sobre quais objetos intuir e sobre quais deduzir, usar operações certas para objetos e fins adequados, fazer bom uso das operações, enfim situá-las. Com isso, evita-se o radicalismo e se coloca cada coisa em seu lugar.

Objetos, ah, os objetos. Para a dedução eles vêm prontos, idealizados, não há preocupação com o detalhe, com suas características. Isso fica por conta da intuição. Para ela um objeto aparece: de um lado, do outro lado, em cima, embaixo. A intuição visa cada parte do objeto em sua opacidade e vai constituindo-o. Assim age com um e assim age com outro, similar ao anterior. Assim vai aparecendo o objeto geral, ideal que, abstraído, é apossado pela lógica. Para a lógica importa o geral, não esse ou aquele. A intuição individualiza, mas também especifica, no sentido de espécie. Ela capta a essência dos semelhantes, generaliza e entrega de bandeja para o consumo lógico que está desarmado desse tipo de preocupação. A lógica não se preocupa com a existência, com o fato, mas com a não contradição com as regras de formação, com a proposição. Objetos de uma e de outra, objetos do mundo e do pensamento: cada um em seu lugar.

Contra EAD. Uma análise no uso das tecnologias na relação sujeito-objeto, ou, professor-aluno.* - 05/04/2015

O uso da Razão permitiu ao homem criar objetos para superar os limites da Natureza. Entretanto, essa “lógica do objeto” poderia levá-los ao domínio deles sobre nós: eles poderiam nos dispensar de todas nossas atividades ou mesmo nos exterminar. A mesma possibilidade de extinção ameaça os professores: se a psicologia já diminuísse o seu papel transformando-o em “facilitador”, o

ensino à distância os coloca em posição passiva frente ao processo educacional. Mas, como fica a presença real, corporal do professor? A lógica capitalista cria objetos que se adéquam ao que o sujeito quer, o desejo vira necessidade. Se Lacan considera que a relação sexual não existe porque não há relação satisfatória, é essa falta que estimula o desejo, ao passo que a necessidade vem da adequação do sujeito ao objeto, em uma relação completa que faz com que o sujeito perca seu interesse pelo outro. Ao que parece, quando a relação aluno-computador satisfaz, a relação professor-aluno tende a desaparecer.

A polarização desejo _versus_ necessidade transparece mais claramente quando Voltolini analisa as teorias da psicologia behaviorista e a psicanálise. O behaviorismo busca “naturalizar” o homem equiparando-o ao animal e aproximando-o do instinto e de modo que se oriente pela necessidade. Assim, o behaviorismo usa um método de conformidade, baseado em estatísticas de padrões de comportamento que adéquam às demandas dos contingentes populacionais. É o que denuncia Lacan no Discurso do Capitalista: partindo do objeto que cria necessidade, que possibilita a relação direta entre sujeito e objeto e tentando eliminar o desejo; relação esta que seria impossível – como a relação sexual. Para a psicanálise, por outro lado, é justamente o instinto precário do homem que abre espaço para o pulsional apontando para uma desnaturação humana que se afasta da natureza e cria suas próprias condições humanas. E Voltolini acentua que o objetivo do capitalista é criar o objeto que cause necessidade absoluta, assim como a dependência criada pelo narcotráfico.

Mas o que o behaviorismo procura instaurar ao aproximar os homens dos animais, ao trabalhar com mecanismos que visam o controle da população a partir de dados estatísticos gerias, em detrimento do particular que o dado não desvela, é apagar uma diferença fundamental entre eles: a linguagem, a fala que faz do homem animal político.

Trazendo para a educação: a relação professor-aluno não existe, não há objeto do instinto e, dessa impossibilidade, busco me relacionar com o outro. E mais: não há receita para a relação entre dois – o aluno ideal não é o aluno da prática assim como o professor ideal não é aquele que está na sala de aula todos os dias, embora o discurso tecnicista queira implicar uma complementaridade entre ambos e elucidar como eles “funcionam”, por meio de um discurso prescritivo que não se concretiza. Mas como a psicanálise resolve essa questão? “Em termos psicanalíticos é a transferência, o termo criado para dar conta do campo de engodo que se estabelece entre dois que se acham numa relação na qual qualquer cálculo que um faça sobre o outro é ao mesmo tempo vital e enganoso.” Transferência que exige que professor e aluno estejam perto um do outro e que ambos se engajem no que Voltolini chama de “encontro”

professores alunos, encontro que é vivo, imprevisível e improvisado.

E o EAD? A técnica, da estratégia capitalista, foge à palavra para controlar e buscar resultados mediante aquele contato com o objeto que supre necessidades e se opondo ao discurso que “engancha” os atores, discurso da linguagem que se afasta do objeto. Falando, nos desnaturamos e nos afastamos do instinto entrando no campo do pulsional e é na transferência que a palavra ganha vida, espaço de diálogo. É aí que o professor atua: não como reservatório de informação ou mediador, mas como partícipe do potencial transferencial.

\-----

* Resenha – texto “A relação professor-aluno não existe: corpo e imagem, presença e distância” – Rinaldo Voltolini.

Pessoas perfeitas - 04/04/2015

Pessoas perfeitas são... Pessoas. O que é a perfeição? A perfeição é um critério qualitativo que tende a ser colocado em uma escala, no topo dela. A perfeição é relativa: não se é absolutamente perfeito; o perfeito, o objeto perfeito está acima do objeto não totalmente perfeito ou imperfeito. A perfeição é subjetiva: eu considero tal coisa perfeita, aquela atitude perfeita. É o meu critério que é diferente do seu. Em si mesma, a perfeição não é: ela é ideal, ela é descolada do objeto, que fica à sua sombra. A perfeição está sempre no topo daquela escala, por mais que algo seja mais perfeito, é menos perfeito que a perfeição, ela tende a infinito.

Pessoas são seres individuais, concretos e variáveis. Pessoas são seres orgânicos, se deterioram a cada dia. Pessoas são seres psicológicos, reflexivos, que podem mudar os critérios de ordem e de escolha a qualquer momento. Pessoas são seres sociais que precisam se camuflar para se relacionar.

Pessoas perfeitas são... Pessoas. O perfeito cai. É como 20 dividido por 10, o 0 cai, o 1 cai, sobra o 2. O "perfeitas" para "pessoas" é como o zero à esquerda: não tem valor.

Mas a pessoa é a terceira pessoa da flexão verbal. Não sou eu, não é você, é ele ou ela. Nesse sentido, a pessoa só existe no discurso porque é uma pessoa abstrata que não está. Esta pessoa da linguagem é perfeita e não existe na realidade. Só quando falo "pessoa perfeita" ou quando escrevo ou desenho. Pessoa perfeita é um discurso vazio. Na realidade, cada pessoa é perfeita em-si (nele mesma, como vista por alguém) ou para-si (como vista por ela mesma). Pessoas perfeitas são... Pessoas. Perfeitas.

<http://www.satyros.com.br/em-cartaz/pessoas-perfeitas>

Mestre Provisório* - 29/03/2015

Nesse artigo, Pereira faz uma breve reconstrução histórica da função do professor que, de mestre responsável por inculcar uma moral civilizatória na população, se vê como profissional urbano diluído na efemeride da contemporaneidade que massifica a cultura e a educação. Diante desse contexto de transformação histórica e social, como fica a autoridade do professor? Pereira vai analisar essa mudança no modelo e nas relações sociais a partir do pano de fundo do Deus morto de Nietzsche e da perda da autoridade política no mundo atual, no que ele chama de “desautorização docente na contemporaneidade” (p. 15)[1].

O viés psicossocial da abordagem de Pereira busca confrontar o papel que a religião trazia no Antigo Regime, como orientadora da moral e guardiã dos costumes. Com o renascimento e as revoluções modernas, a sociedade conhece os ideais republicanos que apontam para uma sociedade onde todos devem compartilhar os mesmos direitos, sociedade de iguais, em um quadro em que nasce a pedagogia como “ciência do ensino geral (...) que visa abafar as diferenças em prol de um mundo de iguais” (p. 21). Sociedade que deveria superar a imagem do pai, ser uma sociedade de irmãos à revelia da fraternidade; que depõe o poder de Deus enfraquecendo a autoridade, mas que passa a se valer do poder superior da racionalidade. “Em outras palavras: depusemos um deus abstrato e edificamos o Deus-Estado; afrouxamos o poder do pai e entronizamos o Pai-Razão.” (p. 24). Freud mesmo, em seus estudos, relevou o desprestígio que a figura do pai sofre junto com o declínio da sociedade patriarcal em que a família divide suas responsabilidades com o estado, onde muitos se introduzem entre a criança e o pai, colocando em “em questão o tecido homogêneo da imago paterna” (p. 27). A figura paterna se dispersa na nova ordem difusa do mundo.

Se o mestre, oriundo das classes prestigiadas, era aquele que deveria incluir na sociedade todos os não educados e não instruídos, em um novo mundo civilizado e racional, não haveria espaço para "brutos". Avançando na história o surgimento de estabelecimentos de ensino gera uma grande demanda por professores que passam a ser recrutados mesmo nas classes trabalhadoras, mas sob o rigor de centros formadores que prezam por suas virtudes morais e intelectuais. Ora, o mestre responsável pela salvaguarda moral da sociedade se vê em uma correlação de forças com os alunos na sua atualização para o professor profissional e, na sociedade de iguais, o professor se funde nessa mistura de detentor e guia de condutas e, ao mesmo tempo, nivelado com os alunos a quem deve ensinar. Esse caráter de igualdade quebra a sua garantia de exercício que, em algumas situações, deveria ser manifestada.

Politicamente, vivemos em uma sociedade que promove a ruptura entre o passado e o futuro. O pós-moderno, que é o contemporâneo, se exime da tradição em busca de valores fugazes e isento de fundamentos sólidos. Pereira expõe a crise da autoridade com base em Hannah Arendt: uma crise histórica que evolui daquebra da tradição religiosa, seguindo pelo enfraquecimento da política até chegar a uma era em que as pessoas se abstêm da autoridade e da responsabilidade por assumir o mundo. Mundo que, em constante transformação, produz crianças ansiosas e com déficit de atenção[2].

Além disso, a pedagogia exige que o professor realize seu trabalho, mas seus modelos são utópicos e irreconciliáveis com a prática, que fica a mercê de soluções criativas e individualizadas do ente educador, onde o professor se aproxima mais de um "facilitador" ou "mediador". "O discurso pedagógico, mesmo sem poder assegurar, continua empunhando a bandeira de ser possível educar de modo a pôr ordens nas coisas. Para tanto, tal discurso, por sua natureza, não pode abrir mão nem da autoridade, nem da tradição." (p. 28).

A partir desse esboço histórico podemos perceber quão sobrecarregada é a tarefa do professor: "como o professor em nossa contemporaneidade deve fazer valer o apagamento da diferença e, ao mesmo tempo, fazer valer a restauração da autoridade, que a maquinaria pedagógica trata de inculcar?" (p. 21). Como superar essa ambivalência? Em um mundo que parte da horizontalidade da relação mestre-aluno e que desautoriza a hierarquia de saber, o mestre não pode ter um caráter perpétuo, perene, mas se trabalhar "não tanto com base nas boas técnicas pedagógicas, que inflacionam mais frustrações do que conquistas, mas muito mais com base na sua experiência e arte de viver.". Assim, Pereira acena para o mestre provisório, figura que, em um mundo em constante mudança e que refuta o abstrato e o universal, deve ser um não ser, um ser que não está lá, ser provisório. Um ser que é transitório e estimula a capacidade de aprendizado de seus alunos.

\-----

* **Resenha – texto “A autoridade docente interrogada” – Marcelo Ricardo Pereira.**

[1] Citações de páginas de PEREIRA, 2009.

[2] Aqui não nos interessa tratar da educação das crianças abordada por Arendt e o vínculo que seu pensamento possa apresentar com o regime nazista formador de agentes do sistema, tão somente manifestar esse caráter de perda da autoridade do seu pensamento.

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 5^a edição, 2001.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. _A autoridade docente interrogada_. Extra- classe - Revista de Trabalho e Educação / Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais. n. 2, vol. 1. jan. 2009. Belo Horizonte, 2009. p. 14- 33.

“O mestre ignorante” – Jacques Rancière: A negação do saber do professor que emancipa o aluno. - 17/03/2015

Viajemos com Rancière para o entorno do século XIX recuperando um esboço de proposta pedagógica de Jacotot, homem que, a partir de suas experiências, nos convida a refletir sobre a educação atual e as possibilidades de emancipação. Porque, conforme Rancière, Jacotot foi uma voz dissonante em uma época histórica pós-revolução francesa onde as conquistas herdadas se consolidavam em um programa que visava esclarecer a população tendo como base o progresso. E o progresso se firmava em uma proposta de reduzir as desigualdades, diminuir a diferença entre o esclarecido e o ignorante. Época de instrução, de transmissão de conhecimentos, aonde a instituição pedagógica era lugar para exercício da autoridade dos professores e de desenvolvimento dos jovens rumo ao limites de suas capacidades intelectuais. Mas, eis a voz que alertava: o que se buscava era reduzir a desigualdade em busca da igualdade, mas, tomando como princípio a desigualdade, tal empreitada se tornava tarefa sem fim, nunca se chegaria a tal igualdade. Aqui, sublinham-se dois conceitos que Jacotot nos lega: ao partir da desigualdade como origem, parte-se do modelo tradicional no qual a distância entre o mestre e o aluno limita o aluno aos conhecimentos do professor – método de transmissão de conhecimentos, embrutecedor; mas, se o início é a ignorância como igualdade entre ambos, ali se reconhecem as

capacidades de crescimento conjugado, método emancipador. Porque as potências intelectuais são iguais, as capacidades de conhecimento se aplicam a todas as inteligências. Não é o professor que subordina o aluno e o transforma em seu refém, mas o professor deve conduzir o aluno em um processo de autorreconhecimento de suas capacidades como capacidades de conhecimento universal: esse conhecimento que se adquire e se acumula no dia a dia.

Rancière resgata tal abordagem em uma França dos anos 80 impregnada do debate pedagógico que acusa a escola como reprodutivista, como reproduzindo as desigualdades da sociedade na escola, modelo que, de acordo com Rancière, fica preso à redução das desigualdades presentes em nome de uma igualdade futura. Papel da escola de civilizar e instruir a sociedade visando à superação da desigualdade e apontando para a possibilidade de igualdade futura nunca alcançada. A igualdade não é o fim, ela tem que ser verificada de início, tem que estar no começo, ali não deve haver distância entre professor e aluno, entre culto e ignorante. A régua não é o saber, porque o saber é de cada um, o saber de um não pode ser definido por outro, nem tampouco a ignorância: na base, somos todos ignorantes com capacidades de saber que precisam ser devidamente estimuladas.

Saltemos da França do XIX para uma reflexão atual que Lilian do Valle nos apresenta: que lições podemos tirar para a nossa educação? O paradoxo proposto por Joseph Jacotot flerta com o cotidiano paradoxal do ato de ensinar e se reinventar dos professores: beira a um ceticismo que poderia levar a uma desordem a ser aplicada na prática. Soma-se a isso a dialética que se estabelece entre educação e política: seria o pressuposto para igualdade política a igualdade na educação? Aí, não estaria de novo a igualdade como meta? E Jacotot não é questão de método que se divide entre a busca pelo aluno modelo da abordagem tradicional e a sua que eleva a atividade do aluno capaz. Mais do que isso, seu modelo é emancipador, de autonomia do sujeito capaz de aprender por si só, de todo sujeito capaz de aprender por si só, sem mediação, sem interlocução. Mesmo na realidade brasileira da década de 60, comenta Lilian, que colocou na base a tentativa de redução das diferenças entre as culturas visando a inclusão social, mesmo lá, quem é o professor que sabe o que o aluno precisa? Pelo contrário, a pedagogia de Jacotot retira o professor do seu conforto porque, para emancipar alguém, o professor deve ele mesmo ser emancipado. Isso significa que o professor deve abrir mão de seu conhecimento como conhecimento que garante sua posição e sua autoridade, ele deve se considerar ignorante e estar sempre em busca do conhecimento novo. Por outro lado, o professor não deve se fiar em um conhecimento seu maior que o dos alunos, nem em seu conhecimento e a ignorância do aluno: "O mestre anuncia a igualdade, mas só o aluno pode verificar-la, fazendo-a existir para si". É negando seu saber que o professor emancipa seu aluno. É negando seu saber que

o professor se emancipa.

\-----

RANCIÈRE, J. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VALLE, Lilian do. Pedra no tropeço: a igualdade como ponto de partida. Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 82, p. 259-266, abr. 2003.

Ideologia e Educação - 12/03/2015

Neste texto palestra de 79, Marilena Chauí faz uma livre associação entre o conceito de ideologia e educação, analisando e clarificando alguns aspectos da educação à luz da ideologia, a partir de um enfoque marxista. Definindo a ideologia como "um "corpus" de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão _o que_ se deve e _como_ se deve agir e pensar"; ela se aplica ao conhecimento que se refere à realidade dada, em contraste ao pensamento que é capaz de refletir sobre cada situação, ao invés de agir sem pensar. Isso se dá porque, quando constituída, a ideologia transforma o que é artificial em natural e, nesse sentido, a ideologia esconde e, não obstante, legitima a luta de classes que de fato existe na sociedade.

A ideologia está presente nos cargos de administração que advém com o capitalismo que transforma um modo de produção artesanal em modelo de produção industrial e fragmentado. São as burocracias que definem os rumos da educação, não cabendo espaço para professores e educadores. Nesse contexto, o administrar se dá a partir de um _discurso sobre_ o assunto - discurso relativista - e não um _discurso de_ quem é de direito. A educação sob as rédeas da ideologia preza pela maturidade e não dá voz às crianças - os grandes atores da educação. Aqui agonizam as perspectivas de emancipação e participação. A ideologia se vale dos meios audiovisuais que, aplicados à educação, servem como objetos de consumo (mercadorias) que nada mais são do que máquinas de repetição. Dentre outros temas apontados por Chauí, a educação se utiliza de dinâmicas de grupo que buscam o líder e, tal liderança, é obtida a partir das variáveis do capital e privilegiando as classes dominantes - o líder é um produto do sistema, mas um dos que são dados como naturais.

Ao abordar os vários aspectos que a ideologia produz na educação de forma a

perpetuar o modelo vigente, Marilena aponta para a direção do que deveria ser o professor dentro desse sistema, como teor de uma proposta pedagógica embrionária: um que é utópico porque deve negar o seu saber em um papel de liderança invertida. O professor em sala, em presença deve trazer a perspectiva de ausência, acenando para uma sua posição provisória e que permita o diálogo franco e multilateral com os alunos.

Agregando pimenta ao debate, o professor trouxe um texto de Marcelo Coelho (Folha - 11/03/2015), muito atual, em que ele trata a questão do "panelaço" contra a atual presidente no sentido de que a tal luta de classes do XIX já não existiria atualmente. De nossa parte, entendemos que a luta de classes está mais presente do que nunca em nossa sociedade e quem mais sente é a parcela da população que menos tem: dinheiro, direitos, educação, cultura. Essa é a faceta atuante da ideologia que, conforme Lukács, reifica as consciências e as classes mais baixas não tomam a consciência de sua classe. A ideologia opera nos dois lados: em cima e embaixo.

Acreditamos que esse não é o único e imutável princípio a partir do qual se podem ser analisadas as lutas e conflitos sociais, senão que existem outros valores psíquicos e morais que interferem e alteram as regras do jogo. Mas, sem dúvida, um dos principais fatores que ainda norteiam o falível e esgotado sistema capitalista é a luta de classes que reparte a população em classes potencialmente e atualmente desequilibradas.

\-----

Aula 11/03 - Metodologia do Ensino de Filosofia I

O direito de não ter e não fazer - 28/02/2015

O renascimento e a modernidade impuseram uma noção de progresso baseada na evolução científica que, aliada ao capital, transforma a natureza humana em competitiva e liberal. É claro que o homem luta por sobrevivência e não deveria haver, instintivamente falando, objetivo maior de vida. Mas a competição arraigou-se ao padrão de vida: na base dos valores de nossa sociedade reside uma certa necessidade de universalização da participação e contribuição para o fazer. _Eu não faço para mim, eu faço porque quero que o outro faça para mim._ Há aí um engajamento às avessas: só entro nesse barco se todos remarem. É um engajamento negativo, um engajamento de amarras fazendo

com que a coletividade se volte para mim e não **eu** assumindo uma parte de determinada luta social.

Nessa sociedade, não há espaço para o não fazer e, consequentemente para o não ter. Não se pode se por a margem, derivar daquele progresso que falamos: isso não é permitido. Por que não aceitamos que o outro não faça nada? Por que recriminar quem não trabalha? Tal pessoa, não teria direito? Porque **eu** trabalho, me empenho e sacrifico, o outro também deve fazê-lo sob pena de discriminação e criminalização.

O ser humano socializado vive e trabalha, trabalha e vive. O senso de comunidade remete e força a participação. Mas há aí um sem fim de utilidade, um _para quê_ das coisas. Mas qual o porquê desse para quê? **Eu só quero estar no mundo** , eu quero olhar e refletir sobre o mundo, a natureza nos espera como companheira. Eu também devo me responsabilizar pelo outro e preciso de um sentido positivo para isso como noção de sociedade. Há algum tempo atrás a civilização tomou um caminho que parece sem volta. Por trás dele enxergamos um compromisso com um fazer que leva a algo que não temos uma ideia clara do que seja, mas acreditamos que seja o progresso. Esse senso de comunidade que lá se originou exige esforço de todos em prol de uma objetividade que se materializa no compromisso do fazer e do ter como virtude. Nesse contexto, a subjetividade fica esquecida porque fica mediada pelo comprometimento com o fazer. Mas podemos e devemos mudar de rota, e na nova direção pode existir espaço para um direito de não ter e não fazer.

Intuição e Sensação - 22/02/2015

Esse texto curto foi escrito por volta do fim do ano de 2013 (ou começo de 2014) e vem para o digital para ficar enquanto durar esse tipo de tecnologia e armazenamento.

"A sensação é essa poeira que flana no ar. Uma camada CONTINGENTE, onde as coisas podem ser ou podem não ser. Aqui há espaço para o LIVRE-ARBÍTRIO, onde

as decisões não são certas (satisfazer desejos).

A intuição é o entendimento direto, imediato: intelectual. É o conhecimento das essências, conhecimento NECESSÁRIO. O conhecimento divino é somente intelectual. Aqui é onde reside a liberdade (viver segundo regras): agir sem restrição, sem forças externas atuando sobre nós.

Mas o homem não é só isso, o homem é biológico e é psicológico, e por aí os conceitos se perdem..."

Nos parece que a ideia naquele momento era tratar da liberdade e do livre-arbítrio, associando a primeira à sensação e o segundo à intuição. Percebe-se, também, que a sensação aparece ligada ao contingente e a intuição ligada ao necessário. Parece haver forte influência de Descartes, porque sua epistemologia aponta para o conhecimento intuitivo da razão como certo e seguro e o conhecimento pela sensação como sujeito a erro. Essa questão de liberdade e livre-arbítrio causa bastante dificuldade e vem sendo motivo de algumas reflexões desse blog. Aqui, sob a égide de Descartes, a liberdade é cada vez mais um conhecimento certo e seguro porque justamente evita uma decisão indiferente entre uma coisa e outra. Se estamos indiferentes em uma escolha nos falta a liberdade de poder escolher uma determinada coisa taxativamente, sem titubear. Por outro lado, o livre-arbítrio se daria em circunstâncias que não estariam tuteladas pela razão, mas seria indiferente e duvidoso.

No que tange ao divino, parece haver falha de argumentação porque, em Descartes, a causa é o divino, então a liberdade estaria atrelada ao externo divino. Pode ser um embricamento com a liberdade kantiana, mas essa escorregadela não é relevante nesse contexto.

Porém, o fim do texto curto aponta para características do homem quais outras que saem da esfera dos conceitos. Essa direção vai de encontro à metafísica cartesiana, buscando uma maior compatibilização com o mundo real.

Talvez apontando para a superação da dualidade cartesiana, mas deixando em aberto como resolver esse problema, que envolve decisão, escolha, liberdade, livre-arbítrio, autonomia. Mas também envolve teoria e prática em um sentido kantiano. De fato, precisamos romper com a metafísica moderna para fazer um novo enquadramento da questão, evitando o anacronismo, ou tratar a questão naquele tempo e lugar. Precisamos tentar entender como esses conceitos evoluem para não ficarmos perdidos em mera opinião.

O sistema e eu - 24/01/2015

Vivemos em um sistema ocidental capitalista normativo. É sistema porque é abrangente, complexo e abstrato. É ocidental porque revela uma característica cultural, religiosa e comportamental arrogante, prepotente e intolerante. É capitalista porque baseado no capital que pode ser mais popularmente associado ao dinheiro. É normativo porque mostra certos valores que devem ser seguidos e, fora dos quais, desvio-se da conduta estabelecida.

Nascemos, vivemos e nos relacionamos de acordo com esse pressuposto imperativo. Às vezes, percebe-se um fechamento total no sentido de possibilidade de mundo, seja no que tange a diversidade e diferença. Outras vezes, abre-se e bem se vive mas, guiando-se por ele. Mais vezes ou menos vezes, também é possível perceber que esse sistema é dado e é artificial, muito embora seja tomado como segunda natureza. Independente desses comportamentos, precisamos achar uma saída.

A saída mais correta e que promete melhores resultados é a ruptura. Mas somos resultado do sistema, fazemos parte dele; e é muito difícil amputar um órgão voluntariamente, mesmo que cancerígeno. Ja que falta essa coragem e discernimento, resta-nos criticar positivamente quais possíveis soluções para que se caminhe no sentido de uma reforma. É triste, mas é uma constatação do que talvez seja possível no momento.

Je suis Charlie? - 10/01/2015

O assassinato dos jornalistas franceses toma conta da mídia e do debate, tanto que foi o impacto causado (conforme Leonardo Boff, a estratégia do terrorismo é essa de dominar mentes). O sucesso dos matadores pode ser visto em vídeos e fotos: sinal de um tempo em que o filme é ao vivo, mas quem morre não é o personagem. Ou é? Teriam os humoristas se tornado reféns do seu trabalho? De fato, as revistas ficaram sujas de sangue...

Muitas das análises que circulam pela mídia não dão conta de uma tomada de posição: prega-se a liberdade de expressão, mas com cautela. Contudo, para os cartunistas, esse paradoxo não existia: era liberdade radical. Era guerra. E o inimigo a ser morto é um morto muito vivo: o profeta Maomé (nesse caso, pois nada se poupava no humor praticado por eles). Se as imagens e os símbolos são poderosos na religião, não menos eram os desenhos destemidos que visavam desconstruir aquele imaginário.

Na França, Sartre formulou uma liberdade responsável que termina quando começa a do outro. Mas Charlie prefere a liberdade extrema que foi abalada por extremistas. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra, para nós, simples mortais. Para Charlie, sua luta não foi em vão: descobre o véu de uma falsa globalização, de um ocidente que não reina e teme.

De nossa parte, entendemos que a liberdade de informação é fundamental. Informação para escolher, decidir de que lado estamos. Sem informação ficamos a mercê de meias coisas, meias verdades. A liberdade de opinião é primordial para que cada um coloque suas ideias e fale abertamente sobre o que bem entender. Mas a contradição do humor incomoda... É para rir ou para chorar? Até que ponto deve chegar um tipo de humor que agride e desafia crenças e verdades individuais?

Colocando água no capital cultural* - 06/01/2015

A água tem três estados: líquido, gasoso e sólido, assim como o capital cultural também tem três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado.

A água é perene em seu estado líquido, porque está dentro das condições de temperatura presentes em grande parte (e tempo) do mundo humanamente habitável. O capital cultural perene é o incorporado porque está na pessoa, desde seu nascimento, no ar que ela respira, em tudo que ela vê, toca, sente e se relaciona - é o *_habitus_*. É não perceptível, sua transmissão acontece dissimulada e sorrateiramente. Vem de berço e se perpetua no convívio social. Faz parte de cada um: "é um ter que virou ser".

Mas, se aquecida, a água evapora. Não se perdeu, está por aí, mas somente conseguimos pensar na água "evaporada" se nos referenciarmos à água líquida. Da mesma forma é o capital cultural objetivado: são os bens culturais. Bens culturais somente fazem sentido se alguém os entende, ou seja, se este capital cultural objetivado está incorporado em alguém. Ele objetivado tem valor econômico, mas tem valor simbólico quando incorporado.

Por outro lado, em que momento conseguimos "agarrar" a água, senti-la integralmente? De fato, é quando vira gelo. Assim como o capital cultural que se institucionaliza sob a forma dos certificados escolares, dos diplomas. É aí que o capital cultural é, é quando tem valor e está garantido, não há necessidade de se demonstrar que se tem o capital cultural incorporado porque ele está objetivado institucionalmente naquele objeto que já responde por si só, autonomamente.

Capital cultural: semente da desigualdade de desempenho escolar entre crianças de diferentes classes sociais.

Não podemos pensar que o desempenho escolar depende estritamente de aptidões ou dons naturais. Nem das teorias de capital humano que exploram o viés econômico sem observarem o capital cultural prévio, difícil de ser medido em termos quantitativos. O capital cultural é a linguagem de cada família, quanto mais capital cultural, mais cultura, mais contato com as classes cultas, mais usufruto. É o capital cultural que precisa ser investigado ao se tratar dos investimentos em educação, porque as classes dominantes já o herdam e nele seus filhos investem, buscando o resultado financeiro que é o diploma que vale

os melhores empregos. Perpetua-se o capital cultural, perpetua-se a ideologia de dominação, assim como a escola chancela o capital cultural e reproduz as estruturas da sociedade.

Do que mesmo depende o sucesso escolar? (...)

* Os três estados do capital cultural - Pierre Bourdieu